

A AGONIA DO REI

AUTOR: Eugéne Ionesco

Tradução de Luiz de Lima

Número de personagens: 3 homens e 3 mulheres.

Personagens:

Berenger I - o rei

Rainha Charlotte - primeira esposa do rei

Rainha Clarice - segunda esposa do rei

Médico - cirurgião, carrasco, bacteriologista e astrólogo.

Marcelle - criada e enfermeira

Guarda

Número de páginas: 72

Atos: 1

Gênero: Absurdo

Número de exemplares: 2

Tema: Retrata a agonia do rei, com as diferentes atitudes das pessoas que o cercam.

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

" A AGONIA DO REI "

E. Ionesco

Trad. de Luiz de Lima



PERSONAGENS

BERENGER I, o Rei

RAINHA CHARLOTTE, primeira esposa do Rei

RAINHA CLARISSE, segunda esposa do Rei

O MEDICO, que é cirurgião, carrasco, bacteriologista e astrólogo

MARCELLE, criada e enfermeira

O GORDA.

(Esta peça foi criada em Paris, a 15 de dezembro de 1962, no "Théâtre de l'Alliance Française". A mis-en-scène foi de Jacques Mauclair, cenários e figurinos de Jacques Noel, música de cena de Georges Delcuc.)

CENÁRIO

Sala de trono, um pouco danificada, vagamente gótica. No meio do palco, junto à parede de fundo, alguns degraus levam ao trono do Rei. De cada lado do cena, na parede da frente, dois troncos menores que são os das rainhas, suas esposas.

À direita, ao fundo, porta pequena que conduz aos aposentos do Rei. À esquerda, ao fundo, outra porta pequena. Ainda à esquerda, porta grande. Entre esta porta e a pequena, uma janela ogival. Outra pequena janela ao lado direito; pequena porta na baixa, do mesmo lado. Junto à grande porta, um velho guarda segurando uma lança.

Antes de subir o pano, durante o tempo em que está subindo e alguns instantes depois, ouve-se uma música irrisóricamente real, imitando os "Levers du Roi.", do século XVII.



- O GUARDA - (anunciando) Sua Majestade, o Rei Bérenger I. Viva o / Rei! (o Rei com manto de púrpura, cetro e coroa atra-
vessa o palco em passo rápido; entra pela pequena por-
ta da esquerda e sai pela porta da direita, ao fundo.)
- O GUARDA - (anunciando) Sua Majestade, a Rainha Charlotte, primei-
ra esposa do Rei, acompanhada de Marcelle, criada de
quarto e enfermeira de Suas Majestades. Viva a Rainha!
(Charlotte, seguida de Marcelle, entra pela porta do /
primeiro plano à direita e sai pela porta grande.)
- O GUARDA - (anunciando) Sua Majestade a Rainha Clarisse, segunda
esposa do Rei e primeira em seu coração, acompanhada /
de Marcelle, criada de quarto e enfermeira de suas Ma-
jestades. Viva a Rainha! (Clarisse, seguida de Marcel-
le, entra pela porta grande da esquerda e sai pela por-
ta do primeiro plano à direita. Clarisse tem uma apa-
rência mais bela e mais jovem que Charlotte. Usa coroa
manto de púrpura e jóias, seu manto é mais moderno e
parece ter sido feito por um grande costureiro. Pela
porta do fundo esquerda, entra o Médico.)
- O GUARDA - (anunciando) Sua Sumidade o Médico de Rei, cirurgião,
bacteriologista, carrasco e astrólogo da Corte. (o Mé-
dico vai ao meio do palco e volta pelo mesmo lugar co-
mo se houvesse esquecido algo. O Guarda permanece si-
lencioso, tem um ar cansado, encosta a lança na pare-
de e sopra as mãos para aquecê-las.) A esta hora is-
to já devia estar aquecido. Calefação, acende! O radi-
dor continua frio. Não é culpa minha, ele não se comu-
nicou que eu não ia mais me ocupar das caldeiras! Pelo
menos, não oficialmente. Com eles nunca se sabe. (retor-
na sua arma bruscamente, Charlotte aparece pela porta
do fundo esquerda. Usa coroa e manto de púrpura meio
surrado, ^{TEM} esta idade indefinida e aparência severa. Se-
~~seguida de Marcelle, vai até a boca de cena.~~
seguida de Marcelle



3

GUARDA - VIVA A RAINHA!

CHARLOTTE - (olhando ao redor) Quanto pó! E quantas pontas de cigarro pelo chão!

MARCELLE - Fui ao estábulo para ordenhar a vaca, Majestade. Está quase sem leite. Não tive tempo de limpar o living.

CHARLOTTE - Living não! Sala do trono, quantas vezes terei de repetir?

MARCELLE - Está bem, sala do trono, como diz Vossa Majestade. Eu / não tive tempo de limpar o living.

CHARLOTTE - Está fazendo frio.

O GUARDA - Eu tentei ligar a calefação, Majestade, mas não funciona. Os radiadores não querem saber de nada. O céu está nublado e não parece que vai clarear. O sol está atrás do. No entanto, eu ouvi o Rei ordenando que ele aparecesse.

CHARLOTTE - Bonito! O sol já não obedece.

O GUARDA - Esta noite ouvi um estalo. Foi a parede que rachou.

CHARLOTTE - Já? Que rápido! Não esperava por isso tão depressa.

O GUARDA - Eu tentei calafetar e Marcelle até me ajudou.

MARCELLE - Ele foi me acordar no meio da noite. Eu, que estava dormindo tão bem!

O GUARDA - A rachadura aumentou. Vamos tentar mais uma vez?

CHARLOTTE - Não adianta, é irreversível. (à Marcelle) Onde está a Rainha Clarisse?

MARCELLE - Ainda deve estar se aprontando.

CHARLOTTE - Na certa.

MARCELLE - Ela acordou cedinho.

CHARLOTTE - Ah!

MARCELLE - Ela estava no quarto chorando.

CHARLOTTE - Rir e chorar: é só o que ela sabe fazer. (à Marcelle) / Que ela venha já. Vá procurá-la. (neste momento aparece Clarisse, vestida como antes.)

O GUARDA - (pouco antes da aparição de Clarisse) Viva a Rainha!

CHARLOTTE - (A CLARISSA) ESTA COM OS OLHOS VERMELHOS COMO QUANDO
ISSO PREJUDICA A SUA BELEZA.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CLARISSE - Eu sei.

CHARLOTTE - Não volte a soluçar.

CLARISSE - Infelizmente, não posso me conter.

CHARLOTTE - Não adianta ficar desorientada. Está tudo na ordem natural das coisas, não é mesmo? Você já espera por isso. Você até já nem esperava.

CLARISSE - E você, só esperava por isso.

CHARLOTTE - Felizmente, assim fica tudo certo. (para Gertrude)
Dê-lhe outro lenço.

CLARISSE - Eu sempre esperi...

CHARLOTTE - Tempo perdido! Esperar, esperar? (buzina os ombros) Só sabe dizer isso e chorar e enganar ainda por cima! Que atitudes!

CLARISSE - Você tornou a ver o médico? Que disse ele?

CHARLOTTE - O que você já sabe!

CLARISSE - Talvez ele esteja enganado!

CHARLOTTE - E você insiste com a mania da esperança. Os signos não mentem!

CLARISSE - Talvez ele não os tenha lido direito!

CHARLOTTE - Os signos objetivos nunca erram. Você sabe.

CLARISSE - (observando a parede) H! Uma fenda!

CHARLOTTE - Está vendo? Mas não há só isso. É a culpa é sua se ele não está preparado! É culpa sua se isso vai surpreendê-lo. Você deixou que ele agisse por si próprio, ajudou mesmo a que ele se desorientasse: ah, o encanto de viver
ah, o encanto de viver! Seus bailes, divertimentos, cortejos; seus jantares de honra, seus artifícios, as bodas e as viagens de núpcias! Quantas viagens de núpcias vocês fizeram?

CLARISSE - Foram para comemorar os aniversários de casamento.

CHARLOTTE - Comemoravam quatro vezes por ano! É preciso viver, diziam vocês...

CLARISSE - Ele gosta tanto de festas...

CHARLOTTE - Os homens sabem! Eles fazem como se nãooubessem! Sabem e esquecem! Ele é rei! Ele não deve esquecer. Devia olhar para frente, conhecer as etapas, conhecer exatamente



7

a extensão de seu caminho, ver a chegada, disse a chegada.

CLARISSE - Meu pobre querido, meu pobre querido.

CHARLOTTE - (^a Marcella) Dê-lhe mais um lenço. (^a Clarisse) Um pouco de bom humor, vamos. Você vai contagiá-lo com suas lágrimas, isso pega. Já basta a fraqueza dele. Esta influência detestável que você teve sobre ele. Bem! -final, ele preferia você a mim, infelizmente! Eu não tinha ciúmos, não, oh, nada disso. Eu apenas notava que não era um bom procedimento. Agora, você não tem mais poderes sobre ele. E aí está toda banhada em lágrimas e sem me enfrentar. O seu olhar não me desafia mais. Que é feito de sua insolência, sua ironia, suas troças? Vamos, acorde. Tome seu lugar e trate de se manter corretamente. Vejam só, continua usando o seu belo colar. Venha, tome seu lugar.

CLARISSE - (sentada) Eu não poderia lhe dizer.

CHARLOTTE - Eu me encarregarei disso. Já estou habituada às tarefas ingratas.

CLARISSE - Não lhe diga nada. Não, não, eu lhe peço.

CHARLOTTE - Deixe por minha conta, peço-lhe eu. Teremos, entretanto, necessidade de você, para as etapas da cerimônia. Você gosta de cerimônias.

CLARISSE - Não gosta.

CHARLOTTE - (A MARCELLA) Arrume nossas caudais como deve ser.

MARCELLA - Sim, regostada. (Marcella executa a ordem.)

CHARLOTTE - Menos divertido, é claro, que os seus bailes infantis, que os seus bailes para velhos, que os seus bailes para os recém casados, seus bailes para os feragidos, os bailes para os condecorados, os bailes para os organizadores de bailes e tantos outros bailes. Este baile vai ser em família, sem dançarino e sem dança.

CLARISSE - Não, não lhe diga nada. É melhor que ele não perceba coisa alguma!

CHARLOTTE - ... que termine por uma canção? Não é possível.

CLARISSE - Você não tem coração.

CHARLOTTE - Tenho sim e bate!

CLARISSE - Você é assustada.

CHARLOTTE - Que é que isso quer dizer?

CLARISSE - É terrível! Ele não está preparado!

Ele devia ter sido preparado há muito, desde sempre. Deveria ter se lembrado disso, todos os dias. Quanto tempo perdido! (A MARCELLE) Que é que está aí nos olhando com os olhos arregalados? Não vai ficar sabendo, você também. Pode se retirar; mas não fique muito longe, chamaremos logo.

MARCELLE - Não vai dar mesmo para limpar o "living".

CHARLOTTE - Já ficou tarde. Tanto pior. Retire-se.

CLARISSE :- (MARCELLE SAI PELA DIREITA)
Diga-lhe aos poucos, eu lhe peço. De-lhe bastante tempo. Ele poderia ter um colapso.

CHARLOTTE - Não temos tempo de dar tempo, acabaram-se as brincadeiras, acabaram-se os belos dias, acabaram-se os banquetes, acabaram-se os seus "streap-tease". Acabou-se. Você deixou que as coisas correm até o último instante, e agora não temos mais um instante a perder, evidentemente, já que é o último. Temos apenas alguns instantes para fazer o que deveria ter sido feito durante anos e anos. Quando for preciso me deixar a sós com ele, eu direi. Você ainda tem um papel a representar, tranquilize-se. Depois, eu a ajudarei.

CLARISSE - Vai ser difícil, como é difícil.

CHARLOTTE - Tão difícil para mim como para você, como para ele. Não fique choramingando, eu lhe repito, eu lhe aconselho, eu lhe ordeno.

CLARISSE - Ele recusará.

CHARLOTTE - No início.

CLARISSE - Eu o seguro.

CHARLOTTE - Que ele não volte atrás, senão aí de você. É preciso que tudo se passe corretamente. Precisa ser um sucesso, um triunfo. Há muito tempo que ele já não sabe o que é isso. Seu palácio está em ruínas, suas terras incultas. Suas montanhas se esborçam! O mar já arreventou os diques, inundou o país. Ele não cuida de mais nada. Você fez com que ele se esqueça de tudo, nos seus braços, com esse perfume que eu detesto. Que mau gosto! Enfim, era o gosto dele. Em lugar de consolidar o solo, ele deixa hectares e hectares serem tragados pelos precipícios sem fim. Agora o reino está cheio de buracos como um queijo imenso.

CLARISSE - Como você repara em tudo!

CHARLOTTE - Sem falar em todas aquelas guerras desastrosas. Enquanto

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CHARLOTTE - Sem falar em todas aquelas guerras desastrosas. Enquanto seus soldados bebados, dormiam a noite ou depois de copiosas refeições nas casernas, os países vizinhos empurravam os marcos das fronteiras. O território nacional encolheu. Seus soldados não queriam lutar.

os marcos das fronteiras. O território nacional encolheu. Seus soldados não queriam lutar.



CLARISSE - Eles eram, como se diz?... Objeto de desconfiança?

CHARLOTTE

CHARLOTTE - Não é que definíamos assim essa atitude. Mas nos exércitos de nossos vencedores, os soldados que procediam assim eram chamados de covardes, desertores e acabavam sendo fuzilados. Veja o resultado: edifícios vertiginosos, cidades arrasadas, piscinas incendiadas, botecos esvaziados. Os jovens estão se expatriando em massa. No começo do seu reinado havia nove bilhões de habitantes.

CLARISSE - Era gente demais. Faltava espaço.

CHARLOTTE - Agora restam apenas umas centenas de velhos. Nem isso, enquanto estou falando, muitos estão morrendo.

CLARISSE - Ainda há também quarenta e cinco jovens.

CHARLOTTE - Os que não foram aceitos em lugar nenhum. Ninguém os queria mais; foram nos devolvidos à força. De resto, estes envelhecem muito depressa. Repatriados aos vinte e cinco anos, estão agora com oitenta, dois dias depois. Você não vai me dizer que eles envelheceram normalmente.

CLARISSE - Mas é, o Rei, ainda é bem jovem.

CHARLOTTE - É, entretanto, à noite passada. Você vai ver daqui a pouco.

O GUARDA - (ENTRANDO) Sua Santidade o médico da Corte que volta. Sua Santidade, Sua Santidade!

ENTRA O MEDICO DA GRANDE TORRE DA ESCURERDA QUE SE ABRE E SE TORNA A FROCHAR SOLINHA. Ele tem o aspecto, ao mesmo tempo, de um astrólogo e de um carrasco. Usa um chapéu pontudo, enterrado de espaldas. Um vestido de veludo, um longo capuz caindo para trás e um grande lenço de alfinete na mão).

O MEDICO - (A CHARLOTTE) Bom dia, Majestade. (A CLARISSE) Bom dia, Majestade. Que Vossa Magestade me desculpe, estou um pouco atarefado, venho diretamente do hospital onde fui fazer algumas intervenções cirúrgicas de mais alto interesse para a ciência.

CLARISSE - O estado do Rei não é operável.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CHARLOTTE - De fato, não é mais.

O MÉDICO - (Olhando Charlotte, depois Clarisse.) Sua
Majestade é que não sabe.

CLARISSE - Doutor, há alguma novidade? Quem sabe ele está melhor,
não? É possível uma melhoria? Não é?

O médico - É um tipo de situação que não pode mudar.

CLARISSE - É verdade, nenhuma esperança, nenhuma esperança.
(Olhando Charlotte) Ela não quer que eu tenha esperança,
Ela me proíbe!

CHARLOTTE - Muitos têm mania de grandeza. Você é justamente o
contrário. Nunca se viu rainha igual? Você me envergonha
ah! Ela vai chorar outra vez.

MEDICO - Bem, já que Vossas Majestades insistem, de fato, há algu
ma novidade.

CLARISSE - Qual?

O MEDICO - Novidade que apenas confirma as indicações precedentes.
Marte e Saturno entraram em colisão!

CHARLOTTE - Era de se esperar.

O MEDICO - Os dois planetas explodiram?

CHARLOTTE - É lógico!

TEATRO DE ARENA . 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

O MÉDICO - O sol perdeu de cinquenta a setenta e cinco por cento
de sua força.

CHARLOTTE - Só podia ser!

O MEDICO - Cai neve no polo norte do sol! A Via Lactea parece que
se aglutina! O cometa está extenuado, envelheceu, se enrosc
ca na própria cauda, gira em torno de si próprio como um
cão moribundo!

CLARISSE - Não é verdade, o senhor exagera! Sim, sim, o senhora
exagera.

O MEDICO - Deseja observar pela luneta?

CHARLOTTE - (Ao médico) Não é preciso. Acreditamos na sua palavra.
que há mais?

O MEDICO - A primavera que ainda ontem estava presente, deixou-nos
há duas horas e meia. Chegou o mes de agosto. Além das
fronteiras, a grama começou a nascer. Todas as vacas dão
cria duas vezes por dia, uma pela manhã, uma segunda de
tarde, por volta de cinco, cinco e um quarto. As folhas



nossas árvores suspiram e morrem. Nossa terra se fende
ainda mais que de costuma.

O GUARDA - (anunciando) O observatório meteorológico do reino in-
forma que faz mau tempo.

CLARISSE - Eu ouço a terra que se fende, sim, aí de mim, eu ouço?

CHARLOTTE - É a fenda que está se alastrando.

O MEDICO - O raio se imobiliza no céu, das nuvens chovem rãs,
o trovão ribomba! Não se ouve porque ele é mudo! Vinões
e cinco habitantes se liquefizeram. Doze perderam a
cabeça. Decapitados. Desta vez sem a minha intervenção.

CHARLOTTE - São os sinais...

O MEDICO - Por outro lado...

CHARLOTTE - (interrompendo-o) Não continue... já chega. Nós já sabe-
mos que é sempre o que acontece em casos semelhantes.

O GUARDA - (anunciando) Sua Majestade, o Rei.' (Música) Atenção.
Sua Majestade. Viva o Rei!

(O Rei entra pela porta do fundo diz ita. Vem descalço.
marcelle entra atrás dele)

CHARLOTTE - Onde foi que ele largou os chinelos?

MARCELLE - Estão aqui, Majestade.

CHARLOTTE - (Ao Rei) Que mau costume andar descalço.

CLARISSE - (A Marcelle) Calce-lhe os chinelos, á pressa. Ele pode
se resfriar.

CHARLOTTE - Que ele se resgri ou não, não tem importância. Isso é
apenas um mau costuma.

(Enquanto Marcelle calça os chinelos nos pés do Rei, e,
Clarisse vai ao seu encontro, a música real continua a
se ouvir.)

O MEDICO - (Inclinando-se humilde e melifluamente) Tomo a liberdade
de desejar ardentemente à Vossa Majestade o meu melhor
bom dia.

CHARLOTTE - Isso não passa de uma formula vasia, meu caro doutor.

O REI - (À Clarisse, depois à Charlotte) Bom dia, Clarisse. Bom
Charlotte. Sempre aí? Quero dizer, você já está aí? Como
Eu, não vou muito bem! Não sei bem o que tenho, meus om-
bros estão um pouco entorpecidos, me levantei com dificul-
dade, senti dores nos pés! Vou mudar de chinelos. Talvez
eu tenha crescido! Dormi mal, muito mal, com a terra que
estala, as fronteiras que recuam, o gado que mugé, as si-



renes que apitam, há realmente muito. (Para o médico) Não vou precisar por um pouco de ordem não. (Para o doutor) Vamos tratar disto. Ai, minhas costas (Para o doutor) Bom dia Doutor. Será lumbago? (Para os outros) Estou esperando um engenheiro... estrangeiro. Os nossos não valem mais nada. Estão pouco ligados. Ainda não temos mais nenhum. Porque fecharam a Escola Politécnica? Ah, sim! Ela caiu num buraco. Para que construir outra, se todas caem no buraco? Ainda por cima, estou com dor de cabeça! E estas nuvens... Eu tinha proibido nuvens. Nuvens! Chega de chuva. Eu disse: chega! Chega de chuva. Eu disse: Chega! Ah, ora essa! Vai recomeçar. Nuvem idiota. Não pára nunca com essas gotas retardadas. Até parece um velho mijador. (A Marcelle) Que é que está se olhando? Você está bem corada hoje. Meu quarto de dormir está cheio de teias de aranha. Vá limpar!

MARCELLE - Eu tirei todas enquanto Vossa Majestade dormia. Não sei de onde é que vêm. Estão sempre aparecendo!

O MEDICO - (A Charlotte) Está vendo, Majestade. As coisas estão se confirmando cada vez mais.

O REI - (A Clarisse) Que é que você tem, beleza?

CLARISSE - (Gaguejando) Não sei... nada... Não tenho nada.

O REI - Esta com olheiras. Chorou? Por que?

CLARISSE - Meu Deus!

O R. I - (A Charlotte) Proíbo que a magoem. Por que diz ela: Meu deus!

CHARLOTTE - É uma expressão. (A MARCELLE) Vá limpar outra vez as teias de aranha.

O REI - Ah, sim! As aquelas teias de aranha dão nojo. Dão até pesadelos.

CHARLOTTE - (A MARCELLA) Vamos, depressa. Não sabe mais usar uma vassoura?

MARCELLE - A minha já está muito gasta. Preciso de uma nova. Preciso até de uma vassoura. (Marcelle sai.)

REI - Por que é que estão todos me olhando desse

jeito? Será que há alguma coisa de anormal? Não há mais nada anormal, uma vez que o anormal se tornou habitual. Assim, tudo dá certo.



- CLARISSE - (Precipitando-se para o Rei) Meu Rei, está coxeado.
O REI - (Dando dois ou tres passos) (Capengando um pouco) Eu coxeio? Não! Coxeio um pouco!
- CLARISSE - Você não está bem, eu ajudo.
- O REI - Eu estou bem! Por que não estaria? Sim, um pouquinho. Não é nada. Não preciso ser amparado! No entanto gosto que você me ampare.
- CHARLOTTE - (Dirigindo-se ao Rei.) Majestade, é preciso que saiba...
CLARISSA - Não, cala a boca!
CHARLOTTE - (A CLARISSE) Cale-se você!
- CLARISSE - (Ao Rei) Não é verdade o que ela diz?
O REI - Precisa saber o quê? Que é que não é verdade? Clarisse, por que este seu ar tão triste? Que você tem?
- CHARLOTTE - (Ao Rei) É preciso que Vossa Majestade saiba que vai morrer.
- O MEDICO - Infelizmente, Senhor, essa é a verdade.
O REI - Mas é claro, eu sei disso. Nós todos sabemos. Vocês me lembrem isso, quando chegar a hora. Que mania você tem, Charlotte, de me dizer coisas desagradáveis, logo de manhã.
- CHARLOTTE - Já é meio dia.
O REI - Não é meio dia. Ah, sim, é meio dia. Isso não quer dizer nada! Para mim ainda é manhã. Ainda estou em jejum. Tragam o meu breakfast. Para dizer a verdade, não estou com muita fome. Doutor, o senhor precisa me dar uma pilulas para abrir o apetite e aliviar o fígado? Devo estar com a língua saburrosa, não? (Mostra a língua ao Doutor)
- O MEDICO - De fato, Majestade.
O REI - Meu fígado está ruim. Não bebi nada ontem de noite, e sinto um gosto horrível na boca.
O MEDICO - Majestade, a Rainha Charlotte dia a verdade! Vossa Majestade vai morrer!
O REI - Outra vez? Vocês me aborrecem! Vou morrer, sim, vou morrer. Daqui a quarenta, cinquenta, trezentos anos. Mais tarde.



Quando eu quiser, quando eu tiver tempo, quando eu decidir. Enquanto isso não acontece, ocupemo-nos de negócios do reino. (Sobe os degraus do trono.) Ai, - minhas pernas, meus rins. Peguei um resfriado nesta palácio mal aquecido, com esses vidros quebrados que deixam entrar a tempestade e as correntes de ar. Já subsistiram no telhado, as telhas que o vento arrancou? Não se trabalha mais. Será preciso que eu mesmo me ocupe disso? Eu tenho outras coisas a fazer. Não se pode contar com ninguém. (A CLARISSE QUE TENTAVA AMPARA-LO) Não, não, eu vou chegar. (Usa o cetro para se apoiar, como se fosse um bastão.) Este cetro ainda pode servir. (Ele consegue, penosamente, se sentar, ajudado, mesmo assim, pela Rainha Clarisse.) Não, não posso. Pronto? Uf! Esse trono está bem duro! Deviam mandar estofá-lo de novo! Como está o país esta manhã?

CHARLOTTE - Mal. No que sobra dele.

O REI - São ainda umas belas sóras. De qualquer modo, é preciso tratar delas; pelo menos isso nos distrai. Que façam entrar os ministros. (APARECE MARCELLE) Vá procurar os ministros! Com certeza ainda estão dormindo. Pensam que o trabalho já acabou!

MARCELLE - Saíram de férias. Não foram muito longe, uma vez que as terras estão encolhendo, mirrando. Eles estão do outro lado do reino, quer dizer, a três passos daqui, no canto do bosque, a beira do riacho. Foram a pesca, pra ver se podem alimentar a população.

O REI - Vá procurá-los no canto do bosque.

MARCELLE - Elas não virão, estão de férias. De qualquer jeito vou dar uma olhada.

(ELA VAI OLHAR PELA JANELA)

O REI - Que gente indisciplinada!

MARCELLE - Os ministros caíram no riacho!

CLARISSE - Vai ver se consegue pescá-los!



O REI - Se tivesse dois outros especialistas do governo, no país, eu os substituiria.

CLARISSE - Acharemos, outros.

MEDICO - Não acharemos, Majestade.

CHARLOTTE - Você não achará outros, Berenger.

CLARISSE - Achará, sim, entre os meninos que vão à escola, quando crescerem! É preciso esperar um pouco. Uma vez pescados aqueles dois poderão muito bem se ocupar dos negócios correntes!

O MEDICO - Na escola, restam apenas alguns garotos escrofulosos, débeis mentais congênitos, mongolóides, hidrocefalos.

O REI - A raça não está muito saudável, reconheço. Trate de curá-los, doutor, ou melhorá-los um pouco! Que aprendam, ao menos, as quatro ou cinco primeiras letras do alfabeto. Se fôsse antigamente, esses seriam mortos.

O MEDICO - Mas hoje, Vossa Majestade ficaria sem súditos.

O REI - Que se faça alguma coisa com eles.

CHARLOTTE - Não se pode melhorar mais nada, não se pode curar mais ninguém, nem mesmo você tem cura.

O MEDICO - Vossa Majestade, não tem cura.

O REI - Não estou doente.

CLARISSE - Ele se sente bem. (Ao Rei) Não é?

O REI - Apenas umas pontadas! Não é nada. Aliás já me sinto bem melhor!

CLARISSE - Ele diz que vai bem; estão vendo?

O REI - Espôu muito melhor mesmo!

CHARLOTTE - Voce vai morrer dentro de uma hora e meia, voce vai morrer no fim do espetáculo!

O REI - Que é que disse? Não achei graça nenhuma.

CHARLOTTE - Voce vai morrer no fim do espetáculo.

CLARISSE - Meu Deus!

O MEDICO - Sim, Vossa Majestade vai morrer. Vossa Majestade amanhã não terá seu breakfast. Nem tampouco esta noite. O cozinheiro já apagou o gaz. Está tirando o avental e arrumando

19

CLARISSE - Não diga isso tão depressa, nem tão alto.

O REI - Quem se atreveu a dar essas ordens sem o meu consentimento? Eu me sinto bem! Vocês estão mentindo. Mentira!

(A Charlotte) Você sempre desejou a minha morte. (Para Clarisse) Ela sempre desejou a minha morte. Eu morrerei quando quiser. Sou o Rei, sou eu quem decido.

O MEDICO - Vossa Majestade perdeu o poder de decidir sozinho.

CHARLOTTE - Você não pode nem evitar de cair coente.

O REI - Eu não estou doente. (Para Clarisse) Você não disse que eu não estou doente? Estou em plena forma!

CHARLOTTE - E suas dores?

O REI - Não sinto mais nada.

CHARLOTTE - Experimente se mexer um pouco e você vai ver...

O REI - (Ele se tornou a sentar, levanta-se) Ai!... Foi porque eu não me comentei que não estava com dores. Não tive tempo de pensar nisso. Quando penso eu fico bem. O Rei se cura sozinho mas eu estava muito preocupado com os negócios do reino.

CHARLOTTE - Bonito estado em que se encontra o seu reino! Você já não tem capacidade para governá-lo, e sabe muito bem disso, mas não quer reconhecer. Você já não tem domínio sobre si mesmo, nem sobre os elementos. Nem tem mais poder sobre nós.

CLARISSE - Você terá sempre poder sobre mim.

CHARLOTTE - Nem mesmo sobre você.

(MARCELLE ENTRA)

MARCELLE - Não deu para pescar os ministros. O riacho onde eles caíram afundou no abismo junto com os penhascos e pinheiros, solagueiros.

O REI - Compreendo. É uma conspiração. Vocês querem que eu abdique.

CHARLOTTE - Era bem melhor. Abdicar voluntariamente.

O MEDICO - Abdique, Majestade, será melhor.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



O REI - Eu abdicar?

CHARLOTTE - Sim. Abdique moralmente, administrativamente

O MEDICO - E fisicamente.

CLARISSE - Não ouça o que eles dizem.

O REI - São loucos. Ou então, são traidores.

MARCELLE - Majestade, pobre Majestade.

CLARISSE - (o Rei) É preciso mandar prendê-los.

O REI - (o Guarda) Guarda, prenda-os.

CLARISSE - Guarda, prenda-os. (Ao Rei) É isto mesmo. Dê suas ordens.

O REI - Prenda-os na torre. Não a torre já ruiu. Tranque-os à cadeia no porão, na masmorra ou no galinheiro. Prenda-os, todos. Estou ordenando.

CLARISSE - (Ao guarda) Prenda-os.

GURADA - (Sem se mexer) Em nome de Sua Majestade... eu os... estão presos.

TEATRO DE ARENA . 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

CLARISSE - Mexa-se!

MARCELLE - Ele é que se prendeu.

O REI - (o Guarda) Vamos, Guarda, vamos!

CHARLOTTE - Está vendo? Ele nem pode se mexer. Está com gôta. Tem reumatismo.

O MEDICO - (PONDO O GUARDA) Senhor, um vírus desconhecido se introduziu no cérebro do exército, e paralisou e sabotou os postos de comando.

CHARLOTTE - Como vê, Majestade, foram suas próprias ordens que o paralizaram.

CLARISSE - (Ao Rei) Não acredite no que ela diz. Ela quer hipnotizar voce. É uma questão de força de vontade. Usa.

O GUARDA - Eu os... em nome do Rei... eu os...
(Ele para de falar, com a boca entreaberta)

O REI - (o Guarda) Que deu em voce? Vamos, fale! Virou estátua? Soldado desconhecido?

CLARISSE (AO REI) Não lhe faça perguntas. Não dista. Ordene.

O MEDICO - Já não escuta vossa Majestade. É um sintoma característico. Clinicamente, está bem claro.

CLARISSE - Não creia nisso!

(O cetro cai da cabeça do Rei)

O REI - É um mau presságio!

CLARISSE - Não creia nisso. (Ela lhe dá o cetro.) Segure-o bem.
Aperte com força.

O GUARDA - Viva, viva... (Logo se cala.)

O MEDICO - (Ao Rei) Majestade...

CHARLOTTE - (Ao médico, indicando Clarisse) É preciso acalmá-la;
ela toma a palavra a torto e a direito. Não deve mais falar
sem nossa permissão.

(Clarisse imobiliza-se.)

CHARLOTTE - (ao médico, indicando o Rei) Agora tente fazer com que
ele compreenda.

O MEDICO - (AO REI) Senhor, há dezenas de anos, ou melhor, há tres
dias, o império de Vossa Majestade era florescente.
Em três dias, Vossa Majestade perdeu as guerras que havia
ganho. As que havia perdido, tornou a perder. Depois que
as colheitas apodreceram e que o deserto invadiu nosso con-
tinente, a vegetação foi reverdecer nos países vizinhos
que eram desertos. Os foguetes que Vossa Majestade quer
enviar para o espaço, não partem mais. Ou melhor, eles
decolam e depois caem, com um ruído salpicado!

O REI - Acidente tecnico!

O MEDICO - Antigamente, isso não acontecia.

CHARLOTTE - Terminaram os êxitos. Você tem que reconhecer.

O MEDICO - Suas dores, suas pontadas...

O REI - Nunca tive antes. É a primeira vez.

O MEDICO - Justamente! Isso é o sinal. Vieram de repente, não foi?

CHARLOTTE - Já devia esperar por isso .

O MEDICO - Veio de repente! Como Vossa Majestade pode constatar não
é mais senhor de si mesmo. É preciso ser lúcido. Vamos,
um pouco de coragem.

O REI - Eu me levantei. Vocês mentem. Eu me levantei.

O MEDICO - Vossa Majestade está com dores e não poderá fazer outro
esforço



CHARLOTTE- (Ao REI) Será que voce ainda pode fazer alguma coisa?
Pode dar uma ordem que seja obedecida? Pode mudar o que
quer que seja? Experimente.



O REI - Foi porque eu não usei toda a minha vontade que isto
se arruinou. Simples negligência. Tudo vai se arranjar.
Tudo será consertado, reformado. Vão ver do que sou capaz
Guarda, mexa-se, aproxime-se.

CHARLOTTE - Ele não pode. Não pode obedecer senão aos outros, Guarda
dê dois passos. (O Guarda avança dois passos.) Guarda, rei
cue! (O Guarda recua dois passos)

O REI - Que caia a cabeça do Guarda, que caia a cabeça do Guarda
(A CABEÇA DO GUARDA INCLINA-SE UM POUCO P/ DIREITA E UM
POUCO P/ ESQUERDA) Sua cabeça vai cair, sua cabeça vai
cair.

CHARLOTTE - Não. Está apenas oscilante. Como sempre ali.

O REI - Que caia a cabeça do Médico, que caia agora mesmo!
Vamos! Vamos!

CHARLOTTE - A cabeça do Médico nunca esteve mais firme no seu pesco-
ço, nunca esteve tão sólida.

O MEDICO - Peço desculpas, Majestade, eu estou confuso.

O REI - Que a coroa de Charlotte caia no chão, que sua coroa caia
(Mas é a coroa do Rei que torna a cair. Charlotte apanha)

CHARLOTTE - Vou colocá-la na sua cabeça. Pronto.

O REI - Obrigado. Mas que bruxaria é essa? Como é que vocês esca-
pam ao meu poder? Não pensem que isso vai continuar assim
não. Hei de encontrar a causa desta desordem. Deve haver
ferrugem no mecanismo e nas peças mais delicadas.

CHARLOTTE - (A Clarisse) Pode falar, agora. Nós permitimos.

CLARISSE - (Ao Rei) Dê-me para fazer alguma coisa, que eu farei.
Dê-me uma ordem. Ordens, senhor, ordens. Eu obedeco.

CHARLOTTE - (Ao Médico) Isso que ela pensa que é o amor pode conseguir

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

19
CLARISSE .. (Que se dirigiu recuando para a direita e se acha agora perto da janela.) Ordene, meu Rei, Ordene, meu amor. Olhe como eu sou bela. Como eu cheiro bom. Ordene que eu vá até junto de você, que o beije.

O REI - (A Clarisse) Venha para perto de mim, beije-me. (Clarisse fica imóvel) Não ouviu?

CLARISSE - Sim, eu ouvi, sim. Eu vou.

O REI - Venha para perto de mim.

CLARISSE - Eu gostaria. Vou, sim. Eu vou. Meus braços...

O REI - Então danse. (Clarisse não se mexe) Danse. Então, pelo menos, vire-se, vá até a janela, abra-a, feche-a.

CLARISSE - Não posso!

O REI - Vai ver que está com torcicolo, na certa é um torcicolo. Aproxime-se de mim.

CLARISSE - Sim, Majestade.

O REI - Aproxime-se sorrindo.

CLARISSE - Sim, Majestade.

O REI - Faça o que eu estou dizendo!

CLARISSE - Não sei mais como se faz para andar. Esqueci, de repente.

CHARLOTTE - (A CLARISSE) Dê alguns passos na direção dele. (Clarisse se começa a avançar em direção ao Rei.)

O REI - Está vendo, ela vem.

CHARLOTTE - Foi a mim que ela escutou. (A CLARISSE) Pare. Pare.

CLARISSE - Perdoe-me Majestade, não é culpa minha.

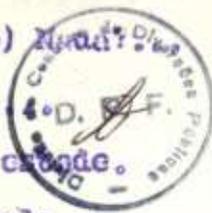
CHARLOTTE - (Ao Rei) Precisam de mais provas?

O REI - Ordene que árvores brotem no ascalho... (Pausa) Ordene que o teto desapareça. (Pausa) Então? Nada? Ordene que chova. (Pausa. Nada acontece.) Ordene que caia um raio e que eu o segure com minha mão. (Pausa) Ordene que nasçam as folhas. (Vai até a janela) Então? Nada? Ordene que Marcelle entre pela grande porta! (Mostra a grande porta. Ela sai pela pequena, a direita em frente Marcelle) Ordene que fique. (Marcelle sai) Ordene que soe os clarins. Ordene que os sinos toquem. Ordene que

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

2
que sejam dadas cento e vinte e uma batidas de
cânção em minha homenagem. (apura o ouvido) Nada?

Ah, sim... Estou ouvindo qualquer coisa.



- O MÉDICO - É apenas a zozada dos ouvidos de Vossa Majestade.
- CHARLOTTE - Não insista. Você está se tornando ridículo.
- CLARISSE - (Ao Rei) Está se cansando muito meu reizinho. Está todo suado. Descanse um pouco. Depois recomeçaremos. Tudo será certo aqui a uma hora.
- CHARLOTTE - Dentro de uma hora e vinte e cinco minutos e cinqenta segundos, você vai morrer.
- O MÉDICO - Uma hora, vinte e quatro minutos Majestade!
- O REI - (A CLARISSE) Clarisse!
- CLARISSE - Não se entregue!
- CHARLOTTE - (A Clarisse) Não tente distraí-lo. Não lhe estenda os braços. Ele já está na descida, você não pode retê-lo. O programa será executado, ponto por ponto.
- O GUARDA - A cerimonia vai começar. (Anunciando)
MOVIMENTO GERAL, COLOCANDO-SE TODOS NOS LUGARES E CERIMONIA. REI NO TRONO, CLARISSE AO LADO.
- O REI - Que tempo volte atrás.
- CLARISSE - Que voltemos atrás, vinte anos.
- O REI - Voltemos à semana passada.
- CLARISSE - Voltemos ontem à noite. Volta tempo, volta, tempo; para tempo.
- CHARLOTTE - Não há mais tempo! O tempo escorreu em suas mãos.
- O MÉDICO - (A Charlotte, após ter olhado com a luneta para o alto) Olhando por esta luneta que vê através das paredes e dos telhados reais, nota-se um vazio no céu. Nos registros de Universe, sua Magestade figura como defunto.
- O GUARDA - O Rei está morto, viva o Rei!
- CHARLOTTE - (Ao Guarda) Imbecil! Cala a boca.
- O MÉDICO - Na verdade está mais morto que vivo!
- O REI - Não. Não quero morrer. Por favor, não me deixem morrer. Sejam bondosos, não me deixem morrer. Eu não quero, não quero.

- CLARISSE - Como lhe dar forças para que ele possa resistir? Eu própria sinto que enfraqueço. Ela não acredita mais em mim, só acredita nêles. (Ao Rei) Apesar disso, espere mais um pouco.
- CHARLOTTE - (A Clarisse) Não o perturbe mais. Você só o prejudica.
- O REI - Não quero, não quero!
- O MEDICO - A crise estava prevista; é perfeitamente normal. A primeira defesa já começou!
- CLARISSE - (A Charlotte) A crise vai passar!
- O GUARDA - (Anunciando) O rei passa!
- O MEDICO - Nos lamentamos muito Vossa Majestade. Pronto que isso será feito.
- O REI - Não quero morrer!
- CLARISSE - Ai! O seu cabelo embranqueceu de repente. (Como feito o cabelo do rei embranqueceu.) As rugas cobrem sua fronte, todo o seu rosto. Vossa Majestade envelheceu quatorze séculos.
- O MEDICO Já está fora de moda!
- O REI - Os reis deviam ser imortais.
- CHARLOTTE - E são. De uma imortalidade provissória.
- O REI - Tinham me prometido que só morreria quando eu me decidisse.
- CHARLOTTE - Porque pensaram que você decidiria mais cedo! Tomou o gosto pela autoridade e agora precisa de decidir a força.
- O REI - Fui enganado. Deviam ter me prevenido, me enganaram.
- CHARLOTTE - Você foi prevenido!
- O REI - Você me previniu cedo demais. Agora me adverte muito tarde. Quero que me salvem visto não poder me salvar sozinho.
- CHARLOTTE - A culpa é sua se foi apanhado de surpresa, já devia estar preparado. Nunca teve tempo. Já estava condenado era preciso pensar nisso desde o primeiro dia e depois, todos os dias, cinco minutos por dia. Não era muito.

Cinco minutos todos os dias: Depois, dez minutos, um

quarto de hora, meia hora. É assim que se vai treinando.

O REI - Eu pensei nisso!

CHARLOTTE - Mas nunca seriamente, nunca profundamente, nunca com todo o seu ser.

CLARISSE - Ele vivia.

CHARLOTTE - Nemais. (Ao Rei) Você devia ter conservado isso como um pensamento constante na retaguarda de todos os seus pensamentos.

O MEDICO - Ele nunca foi previdente! Viveu o dia a dia como um qualquer!

CHARLOTTE - Você ia atlando. Aos vinte anos, dizia que ia esperar os quarenta para começar o treino. Aos quarenta...

O REI - Eu tinha tão boa saúde, era tão jovem...

CHARLOTTE - Aos quarenta, você propôs esperar até aos cinquenta. Aos cinquenta...

O REI - Estava cheio de vida!

CHARLOTTE - Aos cinquenta você queria esperar pelos sessenta. ~~Seis~~

preparativos Chegou aos sessenta, aos noventa aos cento e vinte e cinco aos duzentos, aos quatrocentos anos! Já não adiantava os anos de mais para dez anos depois, mas para cinquenta anos de mais. Mas tarde passou a contar de século em século.

O REI - Eu tinha, justamente, a intenção de começar. Ah! se eu pudesse ter um século pela frente, eu teria bastante tempo.

O MEDICO - Não lhe resta mais que uma hora, senhor! É preciso fazer tudo em uma hora.

CLARISSE - Isso é impossível. É preciso dar-lhe tempo.

CHARLOTTE - Em uma hora, ele terá todo o tempo.

O MEDICO - Uma hora bem aproveitada vale mais que séculos e séculos de esquecimento e de negligência. Bastam cinco minutos, dez segundos conscientes. Dêo-lhe uma hora: sessenta minutos, três mil e seiscentos segundos. É uma sorte!

CHARLOTTE - Ele perambulou pelos jardins.

CLARISSE - Nos reinados, ele trabalhou.



TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



O GUARDA - Trabalhos de Hércules.

MARCELLE - ausentes. (RIR. M. a RIR.)

MARCELLE - PoBRE Majestade, pobre senhor, fez muita coisa das aulas.

O REI - Sou como um colegial que se apresenta a prova sem ter feito seus deveres. Sem haver preparado a lição!

CHARLOTTE - (Achoi) Não se preocupe.

O REI - ...como um ator que não sabe seu papel no dia da estréia e que tem brancos, brancos, brancos. Como um orador levado a tribuna e que não sabe a primeira palavra do seu discurso que nem sabe a quem vai se dirigir. Não conheço este público não quero conhecê-lo, nada tenho a lhe dizer. Ah! em que estado me encontro!

O GUARDA - O rei fez uma alusão ao... em estado!

CHARLOTTE - Com uma ignorância tétal!

Marcelle - Ele gostaria de fazer gazeta á escola durante muitos séculos ainda.

O REI - Gostaria de repetir a façanha!

CHARLOTTE - Você fará as provas. Não há repatentes!

O MÉDICO - Vossa Majesta e, não pode lutar, contra o inevitável! E nós, também não. Somos apenas os representantes da medicina, que não faz milagres.

O REI - O Povo já está a par. Já o avisaram? Quero que todos saibam que o Rei vai morrer. (Grite para a janela, abra-a com esforço e depois, capenga mais.) Minha boa gente, eu vou morrer. Escutem-me. o Vosso Rei vai morrer.

CHARLOTTE - (Ao Médico) É preciso que não o escutem. Impedam-no de gritar.

O REI - Não toquem no Rei. Quero que todos saibam que eu vou morrer. (Ele grita)

O MÉDICO - Que escândalo.

O REI - Povo, eu vou morrer!

CHARLOTTE - Não parece um Rei, parece um porco que está a morrer.

CLARINHE - Não passe de um Rei, não passa de um homem.

O MÉDICO - Majestade, pense na morte de Luis XVI, na de Felipe II,

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Na de Carlos V que dormio vinte anos em seu caixaõ.
O dever de Vossa Magestade é morrer dignamente.

O REI - Morrer dignamente? (A Janela) Socorro! Socorro! O Rei vai morrer.



CLARISSE - Meu pobre Rei, pobre Rei!

MARCELIN - Não adianta nada gritar!

(OUVE-SE UM PRAGO ECO AO LONGE;)

O REI - Ouviram?

CLARISSE - Eu ouvi, eu ouvi.

O REI - Responderam, talvez venham me salvar.

MARCELA - Não há ninguém. (Ouve-se o eco: SOCORRO)

O MEDICO - É apenas o eco que responde atrasado.

CHARLOTTE - O atraso de sempre neste país onde tudo funciona mal.

O REI - (deixando a janela) Não é possível. (Voltando a janela) Tenho razão, não é possível.

CHARLOTTE - Ele pensa que é o primeiro a morrer.

CLARISSE - Todo o mundo é o primeiro a morrer.

CHARLOTTE - Lamentável.

MARCELIN - Ele chora como qualquer pessoa.

CHARLOTTE - Seu pavor só lhe inspira banalidades. Eu esperava que ele tivesse belas frases exemplares. (Ao Médico) Eu o encarrego de fazer a crônica. Nós lhe atribuiremos belas palavras dos outros. Inventaremos o que for preciso.

O MEDICO - Nós lhe atribuiremos sentenças edificantes. (A Charlotte) Guiaremos de sua pluma. (Ao Rei) Guiaremos da Lenda de Vossa Magestade.

O REI - (A Janela) Socorro, meu povo... socorro meu povo!

CHARLOTTE - Pare com isso, Magestade! Está-se cansando a toa.

O REI - (Na Janela) quem quer se dar sua vida? Quem quer dar sua vida ao Rei, sua vida para do bom Rei, sua vida para do pobre Rei?

CHARLOTTE - que indecência!

CLARISSE - Peixe que ele tente todas as oportunidades, mesmo as mais improváveis!

MARCELLE - Uma vez que não ha'ninguem no país. (SAI)
CHARLOTTE - Ha' os espíços.
O MEDICO - As fronteiras tem ouvidos.
CHARLOTTE - Seu medo vai nos cobrir de vergonha.



O MEDICO - O eco já não responde. Sua voz não chegou ao portão do jardim.

CHARLOTTE - (enquanto o Rei geme) Está mugindo.

O MEDICO - Apenas nós o ouvimos. Ele mesmo não se ouve mais.
(o Rei se volta, dá alguns passos até o meio da cena)

O REI - Tenho frio, tenho medo, vou chorar.

CLARISSE - Está perdendo os movimentos.

O MEDICO - É o reumatismo. (à Charlotte) Dou uma injeção para acalmá-lo?
(Marcelle aparece com uma cadeira de rodas e com a coroa e insígnias reais no encosto)

O REI - Não quero tomar injeção.

CLARISSE - Nada de injeção.

O REI - Eu sei o que isto significa. Já tomei muitas. (à Marcelle) Eu não pedi que trouxessem essa cadeira. Quero passear, quero tomar ar.
(Marcelle deixa a cadeira a um canto do palco, à direita, e sai)

CHARLOTTE - Sente-se nessa cadeira. Você vai cair.
(o Rei cambaleia)

O REI - Não quero. Quero ficar de pé.
(Marcelle volta com uma manta)

MARCELLE - Vossa Majestade estaria melhor, mais confortável com uma manta nos joelhos e uma botija de água quente.

O REI - Não, quero ficar de pé, quero berrar, quero berrar.
(ele grita)

O GUARDA - (anunciando) Sua Majestade berra!

O MEDICO - (à Charlotte) Não por muito tempo. Conheço a evolução. Logo estará cansado. Vai parar e nos ouvirá.
(Marcelle entra trazendo uma roupa quente e botija)

O REI - (à Marcelle) Eu a proíbo.

CHARLOTTE - Sente-se depressa, sente-se.



- O REI - Não obedeco. (quer subir os degraus do trono, mas não consegue. Vai se sentar, assim mesmo, jogando-se no trono da rainha, à esquerda.) Eu caio, mas contra a vontade (Marcelle, após ter seguido o Rei com os objetos indicados anteriormente, vai pegar a cadeira de rodas.)
- CHARLOTTE - (à Marcelle) Pegue o cetro, é muito pesado.
- O REI - (à Marcelle, que volta para ele com um gorro) Não quero este gorro. (não o colocam)
- MARCELLE - É uma coroa menos pesada.
- O REI - Deixe o cetro comigo.
- CHARLOTTE - Você não tem forças para segurá-lo.
- O MEDICO - Não adianta mais querer se apoiar nele. Nós carregaremos V.M. nesta cadeira de rodas.
- O REI - Quero ficar com ele.
- CLARISSE - (à Marcelle) Deixe-lhe o cetro, já que ele o quer. (Marcelle olha para a rainha Charlotte com um olhar interrogativo.)
- CHARLOTTE - Não vejo nenhum inconveniente nisso. (Marcelle entrega o cetro ao Rei.)
- O REI - Talvez não seja verdade. Digam-me que não é verdade. / Que é um pesadelo. (silêncio dos outros) Talvez eutenha uma chance em dez, uma chance em mil. (silêncio dos outros; o Rei soluça) Eu tinha tanta sorte!
- O MEDICO - Majestade!
- O REI - Já não posso escutá-lo, tenho muito medo. (soluça, geme)
- CHARLOTTE - Deve escutar, Majestade.
- O REI - Não quero saber de suas palavras. Elas me dão medo. Não quero mais ouvi-los falar. (à Clarisse, que quer se aproximar dele.) Não se aproxime, você também. Sua piedade me dá medo. (o Rei geme outra vez.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- CLARISSE - Ele parece uma criancinha. Voltou a ser uma criancinha.
- CHARLOTTE - Uma criancinha barbada, feia, enrugada. Como você é indulgente!
- MARCELLE - (à Charlotte) Queris ver a senhora no lugar dele.
- O REI - Falou-me, por favor, falem comigo. Cerquem-me, segurem-me. Me amparem. Não, eu quero fugir. (ele se levanta com dificuldade e vai se instalar no outro trono pequeno, à direita.)
- MARCELLE - Suas pernas já não aguentam.
- O REI - Também sinto dificuldade em mexer os braços. Será que já vai começar? Não. Por que nasci, se não era para existir sempre? Malditos pais. Que bela idéia, que bela piada! Eu vim ao mundo há cinco minutos, eu me casei há tres minutos.
- CHARLOTTE - Já faz duzentos e oitenta e tres anos.
- O REI - Subi ao trono apenas há dois minutos e meio.
- CHARLOTTE - Há duzentos e setenta e sete anos e tres meses.
- O REI - Mal tive tempo de dizer ué! Mal tive tempo de conhecer a vida.
- CHARLOTTE - (ao Medico) Também, não fez nenhum esforço.
- CLARISSE - Não foi mais que um curto passeio por uma alameda em flor, uma promessa não cumprida, um sorriso que se apagou.
- CHARLOTTE - (ao médico, continuando) E, no entanto, tinha os maiores sábios para lhe explicar. E teólogos, e pessoas experientes e livros que nunca chegou a ler.
- O REI - Não tive tempo.
- CHARLOTTE - (ao Rei) Você dizia que tinha todo o tempo.
- O REI - Não tive tempo, não tive tempo, não tive tempo.
- MARCELLE - Está voltando à mesma.
- CHARLOTTE - (ao Médico) É o tempo todo a mesma coisa.



O MEDICO - Já está fazendo progressos. Come, agora, mas apesar de tudo está começando a raciocinar. Ele se queixa, protesta, isso significa que começa a se resignar.

O REI - Eu nunca me resignarei.

O MEDICO - Dizendo que não, é sinal que vai se resignar. Põe a resignação em jogo. Equaciona o problema.

CHARLOTTE - Finalmente!

O MEDICO - Vossa Majestade fez cento e oitenta vezes a guerra. À frente dos exércitos, Vossa Majestade participou de / duas mil batalhas. De começo foi montado num cavalo / branco com um penacho vermelho bem vistoso e não teve medo. Depois, quando modernizou o exército, ia em pé num tanque ou na asa de um avião de caça, comandando a esquadilha.

CLARISSE - Era um herói.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

O MEDICO - Vossa Majestade beirou a morte mil vezes.

O REI - Eu apenas beirava a morte. Ela não era para mim, eu o sentia.

CLARISSE - Você era um herói, compreende? Lembre-se disso.

CHARLOTTE - Você mandou este médico e carrasco assassinar ...

O REI - Assassinar não, executar.

O MEDICO - (à Charlotte) Executar, Majestade, assassinar, não. Eu obedecia ordens. Era um simples instrumento, mais um executante do que um executor, e eu o fazia outandásica mente. Aliás eu o lamento. Perdão.

CHARLOTTE - (ao Rei) Eu prosaigo: você mandou massacrar meus pais, meus irmãos adversários, nossos primos-irmãos e primos afastados e suas famílias, seus amigos, seu gado. Você mandou incendiar suas terras.

O MEDICO - Sua Majestade dizia que, de qualquer forma, eles teriam de morrer um dia.



- O REI - Razões de estado.
- CHARLOTTE - Você também morre por uma razão de Estado.
- O REI - Mas o Estado sou eu.
- MARCELLE - Pobrezinho! A que estado chegou!
- CLARISSE - Ele era a lei, estava cima das leis!
- O REI - Já não sou a lei.
- O MEDICO - Ele mesmo reconhece. Está cada vez melhor.
- CHARLOTTE - Isso facilita as coisas.
- O REI - (gemendo) Já não estou acima das leis, já não estou acima das leis.
- O GUARDA - (anunciando) O Rei já não está acima das leis.
- MARCELLE - Ele já não está acima das leis, pobre velho. Ele é como qualquer um de nós. Até parece meu avô.
- CLARISSE - Pobrezinho, meu pobre menino.
- O REI - Um menino! Um menino! Então, estou recomeçando! Eu quero recomeçar. (à Clarisse) Quero ser um bebô e você será minha mãe. Assim, não virão me buscar. Eu não sei ler, não sei escrever, não sei contar. Que me levem para a escola com os meus colegas. Quanto é dois e dois?
- MARCELLE - Dois e dois são quatro.
- CHARLOTTE - (ao Rei) Você sabe.
- O REI - Foi ela que soprou ... Infelizmente não se pode trapacear. Ai, ai, tanta gente nasce neste momento!
- CHARLOTTE - Menos no nosso país.
- O MEDICO - A natalidade está reduzida a zero.
- MARCELLE - Não nasce nem verdura.
- CHARLOTTE - (ao Rei) A esterilidade é total, por sua causa.
- CLARISSE - Não quero que o aflijam.
- MARCELLE - Talvez tudo torne a nascer.
- CHARLOTTE - Talvez, mas sem ele.
- O REI - Sem mim, sem mim. Todo mundo vai rir, comer, dançar em



cima do meu túmulo. Eu nunca terei existido. Ah, que se lembrem de mim! Que chorem, que se desesperem.

- perpetuem minha memória em todos os compêndios de história. Que todo o mundo conheça de cor a minha vida. Que todos a revivam. Que os estudantes e os sábios não tenham outro assunto de estudos além de mim, de meu reinado, de meus feitos. Que queimem todos os outros livros, que destruam todas as estátuas e que coloquem a minha em todas as praças públicas. Minha imagem em todos os ministérios, nas repartições de todas as prefeituras, em todas as coletorias de impostos, nos hospitais. Que dêem meu nome a todos os aviões, a todas as náus, a todas as viaturas movidas à força e a vapor. Que todos os outros reis, guerreiros, poetas, tenores, filósofos sejam esquecidos e que não haja senão eu em todas as consciências. Um único nome de batismo, um único nome de família para toda a gente. Que todos aprendam a ler, soletrando meu nome: B-é, Bé, Bérenger. Que eu seja colocado nos ícones, que seja colocado nos milhões de crucifixos em todas as igrejas. Que digam missa por mim, que eu seja a própria hóstia. Que todos os vitrais iluminados tenham a cor e a forma de meus olhos, que os rios desenhem nas planícies o perfil de meu rosto! Que me invoquem eternamente, que me supliquem, que me implorem.

CLANISSE - Quem sabe você voltará?

O REI - Talvez eu volte. Que guardem meu corpo intacto num palácio, sentado num trono e me tragam alimentos. Que os músicos toquem para mim e virgens rolem a meus pés gelados. (o Rei se levantou para dizer esta tirada).

MARCELLE - (à Charlotte) É o delírio, Majestade.

O GUARDA - (anunciando) Sua Majestade, o Rei, delira. Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CHARLOTTE - Ainda não. Ainda está muito lúcido. Fui e pouco ao mesmo tempo.



- O MEDICO - (ao Rei) Se Vossa Majestade desejar, mandaremos embalsamar o corpo de Vossa Majestade, e o conservaremos.
- MARCELLE - Enquanto for possível.
- O REI - Que horror! Não quero ser embalsamado. Não quero este cádáver. Não quero que me queimem! Não quero que me enterrem, não quero que me atirem aos abutres nem às feras. Quero que me conservem em braços quentes, em braços frescos, em braços ternos, em braços firmes.
- MARCELLE - Ele não sabe muito bem o que quer.
- CHARLOTTE - Nós decidiremos por ele. (à Clarisse) Não vá desmaiar. / (Marcelle chora) Agora aquela também. É sempre a mesma coisa.
- O REI - Se se lembrarem de mim, por quanto tempo será? Que se lembrem até ao fim dos tempos. E depois do fim dos tempos, daí a vinte mil anos, daí a duzentos e cinquenta e cinco bilhões de anos ... Ninguém para ninguém. Esquecerão todos, digo, antes. São todos egoístas, todos. Não pensam senão nas próprias vidas, na própria pele. Não na minha. Se a terra inteira se gastar e se fundir - e isto acontecerá - se todo o universo explodir, eles explodirão seja amanhã ou daqui a séculos e séculos, dá no mesmo. O que deve terminar já está terminado.
- CHARLOTTE - Tudo é ontem.
- MARCELLE - Mesmo o dia de hoje é ontem.
- O MEDICO - Tudo é passado.
- CLARISSE - Meu querido, meu Rei, não há passado, não há futuro. Convença-se de que há um presente que vai até ao fim, tudo é presente; seja presente. Esteja presente.
- O REI - Ai de mim! Eu não estou presente senão no passado.



CLARISSE - Não, não.

CHARLOTTE - (ao Rei) Isso, Bérenger, seja lúcido.

CLARISSE - Sim, seja lúcido meu Rei, meu querido. Não se atormento mais. Existir é uma palavra, morrer é uma palavra, fórmulas, idéias que fazemos. Se você compreender isto, nada poderá atingi-lo. Recupere o seu ânimo. Aguarde bem, não se abandone, mergulhe na ignorância de todas as outras coisas. Você é, agora, você é. Não seja mais uma interrogação infinita: que é que, que é que é ... A impossibilidade de responder é a própria resposta, ela é seu próprio ser que explode, que se alastra. Mergulhe / no espanto e na estupefação sem limites, assim você poderá ser sem limites, assim você poderá ser infinitamente. Admire-se, espante-se, tudo é estranho, indefinível. Empurre as grades da prisão, derrube suas paredes, fuja das definições. Você respirará.

O MEDICO - Ele sufoca.

CHARLOTTE - O medo lhe tapa o horizonte.

CLARISSE - Deixe-se inundar pela alegria, pela luz, fique espantado, fique deslumbrado. O Deslumbramento penetra a carne e os ossos como uma onda, como uma faixa de luz resplandecente. Se você quizer.

MARCELE - Ele bem que queria.

CLARISSE - (juntando as mãos; tom de súplica) Lembre-se daquela manhã de junho à beira mar, quando estávamos juntos; a alegria iluminava, dominava você. Aquela sua alegria, você disse que ela ali estava inalterável, fecunda, inesgotável. Se você o disse, pode dizer agora. Aquela resplandecente aurora estava em você. Se ela estava, ainda está. Reencontre-a em você mesmo, procure-a.



- O REI - Não compreendo.
- CLARISSE - Você não se compreende mais.
- CHARLOTTE - Ele nunca se compreendeu.
- CLARISSE - Volte a si.
- O REI - Como? Não é possível ou então não queres me ajudar. Eu mesmo não posso me ajudar. Oh sol, ajuda-me, afasta a sombra, impede a noite. Meus pés começam a esfriar! Ven me esquentar, entra no meu corpo, sob minha pele, em sus olhos. Reacende tua luz fraquejante para que eu veja, que eu veja, que eu veja. Sol, sol, não me lamen-tarás? Bom sol, defende-me. Resseca e mata o mundo in-teiro se for preciso um pequeno sacrificio. Que todos morram, contanto que eu viva eternamente, mesmo ficando sózinho num deserto sem fronteiras. Eu me arranja -rei com a solidão. Conservarei as lembranças dos ou-tros, eu os lamentarei sinceramente. Eu posso viver na imensidade transparente do vácuo. É melhor lamentar / que ser lamentado. E de resto nunca se é.
- O MEDICO - (à Clarisse) Não era desta luz que Vossa Majestade lhe falava. Ele não compreendeu Vossa Majestade.
- CHARLOTTE - Intervenção inútil. Este não é o bom caminho.
- O REI - Que eu viva mesmo com dor de dentes durante séculos e séculos. O que deve terminar já está terminado.
- O MEDICO - (à Charlotte) Então o que Vossa Majestade está esperan-do?
- CHARLOTTE - Apenas sua tirada que não acaba nunca. (mostrando a rei-nha Clarisse e Marcelle) E estas duas mulheres choran-do. Elas o entontecem ainda mais, isso gruda-o, prende-o, freia-o.



O REI - Não choram o bastante ao meu redor, não me lamentam o suficiente. Não se angustiam bastante. (à Charlotte) Que as impeçam de chorar, de gritar, de ter piedade do Rei, do jovem Rei, do pobre Reizinho, do velho Rei. Eu sinto piedade quando penso que elas me lamentarão, que elas não me verão mais, que ficarão abandonadas, sószinhas. Continue sendo eu que penso nos outros, em todos. Entrem em mim, vocês todos, sejam eu mesmo, entrem em minha pele. Eu morro, entendem? Quero dizer que vou morrer, mas não chego a dizer, não faço senão literatura.

CHARLOTTE - É de que qualidade!

O MEDICO - Suas palavras não merecem ser registradas. Nada de novo.

O REI - Todos me são estranhos. Pensei que eles eram a minha família! Tenho medo, eu me afundo, estou submergindo, não sei mais nada, não sou mais nada. Eu morro

CHARLOTTE - É isso a literatura.

O MEDICO - Todos fazem até o último instante. Enquanto se é vivo, / tudo é pretexto para a literatura.

CLARISSE - Se isso pudesse aliviá-lo.

O GUARDA - (anunciando) A literatura alivia um pouco o Rei!

O REI - Não, não. Eu sei, nada mais me alivia. Ai, Ai, Ai... (lamentações. Depois, sem declamação, como se gemesse) Todos vocês, inumeráveis que morreram antes de mim, ajudem-me! Digam-me como se faz para morrer, para aceitar. Ensinem-me. Que o vosso exemplo me console, que eu me apoie em vocês como em muletas, como em braços fraternais. Ajudem-me a transpor a porta que vocês já transpuzeram. Voltem um instante a este lado de cá para me socorrer. Ajudem-me, vocês que já tiveram medo e que não quiseram. Como foi que tudo se passou? Quem amparou vocês? Quem se / arrastou, quem os empurrou? tiveram medo até o fim?

- O REI - (continuando) E vocês que eram fortes e corajosos, que conseguiram em morrer com indiferença e serenidade, ensinam-me a indiferença, tragam-me a serenidade, ensinam-me a resignação. (as réplicas que seguem, devem ser ditas e representadas como um ritual, com solenidade, quase cantadas, com movimentos diferentes dos atores, genuflexões, / braços estendidos etc).
- MARCELLE - Ó estátuas, ó luminosos ou tenebrosos, ó anciãos, ó sombras, ó recordações ...
- CLARISSE - Ensinem-lhe a serenidade.
- O GUARDA - Ensinem-lhe a indiferença.
- O MEDICO - Ensinem-lhe a resignação.
- CHARLOTTE - Façam com que ele seja razoável e se acalme.
- O REI - Vocês suicidas, ensinem-me como se pode chegar a ter nojo pela existência. Ensinem-me a lassidão. Qual o remédio para isso?
- O MEDICO - Posso prescrever pílulas eufóricas, tranquilizantes.
- CHARLOTTE - Ele as vomitaria.
- MARCELLE - Vós lembranças ...
- O GUARDA - Vós velhas imagens ...
- MARCELLE - ... que não existis senão nas memórias ...
- O GUARDA - Lembranças de lembranças de lembranças ...
- CHARLOTTE - O que ele deve aprender é a ceder um pouco e depois, abandonar-se completamente.
- O GUARDA - ... nós vos invocamos.
- MARCELLE - Vós brumas, vós orvalho ...
- CLARISSE - Vós santas, vós sábias, vós loucas, ajudai-o já que eu não o posso fazer.
- MARCELLE - Ajudai-o.
- O REI - Vós, os mortos na alegria, que olharam a morte de frente, que assistiram ao vosso próprio fim ...
- MARCELLE - Ajudai o Rei.



- CLARISSE - Ajudai-o todos vós, eu vos suplico.
- O REI - Vós, mortos felizes, qual o último rosto que virem? Que sorriso os acalmou e os fez sorrir? Qual a última luz / que os iluminou?
- O GUARDA - Ó grande Nada, ajudai o Rei.
- O REI - Bilhões de mortos que multiplicam minha angústia. Eu sou a agonia de todos. Minha morte é inumerável. Tantos universos se apagam em mim!
- CHARLOTTE - A vida é um exílio.
- O REI - Eu sei, eu sei.
- O MEDICO - Em suma, Vossa Majestade voltará à sua pátria.
- CLARISSE - Você irá para onde estava antes de nascer. Não tenha tanto medo. Você deve conhecer essas paragens, de modo obscuro, naturalmente.
- O REI - Eu amo o exílio. Eu me expatriei. Não quero voltar. Que mundo era aquele?
- CHARLOTTE - Lembre-se. Faça um esforço.
- O REI - Não vejo nada, não vejo nada.
- CHARLOTTE - Lembre-se vamos, pense, reflita. Pense, pense mais, você nunca pensou.
- O MEDICO - Ele nunca mais pensou nisso.
- CLARISSE - Outro mundo, mundo perdido, mundo esquecido, mundo submerso, voltai à superfície.
- MARCELLE - Outras planícies, outras montanhas, outros vales ...
- CLARISSE - Recordai-lhe vossos nomes.
- O REI - Nenhuma recordação dessa pátria.
- MARCELLE - Ele não se lembra de sua pátria.
- O MEDICO - Não pode. Está muito fraco.
- O REI - Nenhuma nostalgia, a mais fugaz que seja.
- CHARLOTTE - Nergulhe em suas recordações, na ausência de recordações, além das recordações. (ao Médico) Ele não tem saudades senão deste mundo.

TEATRO DE ARENA . 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- CLARISSE - Recordação além da recordação, ajuda-o.
- O MEDICO - Não é fácil fazer com que ele mergulhe.
- CHARLOTTE - Mas é preciso.
- O GUARDA - Sua Majestade nunca foi mergulhador.
- MARCELLE - Que pena. Ele nunca treinou.
- CHARLOTTE - Mas vai precisar aprender.
- O REI - A menor fôrma se debate quando está em perigo de morte. Nela também todo o universo se apaga. Não é natural morrer, quando não se tem vontade. Eu quero viver.
- MARCELLE - Ele quer viver sempre, é só o que ele quer.
- CLARISSE - Ele sempre viveu.
- CHARLOTTE - (ao Rei) Não fale mais, cale-se, fique concentrado. Não olhe mais, isso lhe fará bem.
- O REI - Não quero essa bem.
- O MEDICO - (à Charlotte) Vossa Majestade deve insistir com ele, é claro, mas não tanto ainda.
- CHARLOTTE - Não vai ser fácil, mas nós temos paciência.
- O REI - Doutor, doutor, já começou a agonia? ... Não? ... Não! Estou enganado ... ainda não ... ainda não. (como um suspiro de alívio) Ainda não começou. Eu sou, eu estou aqui. Eu vejo! Estou vendo as paredes, os móveis, o ar, os olhares! As vezes me chegam aos ouvidos, eu vivo, eu sinto tudo isso, eu vejo, eu ouço, eu vejo, eu ouço! As fanfarras! (som de fanfarras muito fracas. O Rei anda.)
- O GUARDA - O rei anda, viva o Rei!
(o Rei cai)



- MARCELLE - Ele cai.
- O GUARDA - O Rei caiu, o Rei está morrendo. (o Rei se levanta)
- CLARISSE - Ele se levanta.
- O GUARDA - O Rei se levantou, viva o Rei!
- CLARISSE - Ele se levantou.
- O GUARDA - Viva o Rei! (o Rei cai) O Rei está morto.
- CLARISSE - Ele torna a se levantar. (o Rei torna a se levantar) Ele está vivo.
- O GUARDA - VIVA o Rei! (o Rei se dirige para seu trono)
- MARCELLE - Ele quer sentar-se no trono.
- CLARISSE - Ele reina! Ele reina!
- O MEDICO - Começou o delírio.
- CLARISSE - (ao Rei, que tenta subir os degraus do trono, titubeando) Não enfraqueça, segure-se bem. (à Marcelle, que quer ajudar o Rei) Sózinho, deixa que ele pode sózinho.
- O REI - (ele não consegue alcançar os degraus do trono) No entanto, eu tenho pernas!
- CLARISSE - Continue.
- CHARLOTTE - Restam-nos ainda trinta e dois minutos e trinta segundos.
- O MEDICO - Trinta e dois minutos e quinze segundos.
- O REI - Eu me levanto.
- O MEDICO - É o penúltimo sobressalto. (ele falou à Charlotte)
- O REI - (caí na cadeiras de rodas que Marcelle acaba de aproximar dele. Cobrem-no, põe-lhe uma botija e ele continua dizendo) Eu me levanto! (a botija, o cobertor etc vão aparecendo pouco a pouco, na cena que se segue, trazidas por Marcelle.)
- CLARISSE - Você está exausto. Descansa, para depois levantar.



CHARLOTTE - (à Clarisse) Não minta. Isto não ajuda nada.

O REI - (em sua cadeira) Eu gostava da música de Mozart.

CHARLOTTE - Você a esquecerá.

O REI - (à Marcelle) Você já remendou minha calça? Pensa que não vale mais a pena? Havia um buraco no meu manto de púrpura, já remendou? Tornou a pregar os botões que faltavam no meu pijama? Mandou por solas nos meus sapatos?

MARCELLE - Nem pensei mais nisso.

O REI - Não pensou mais nisso! Em que é que você pensa? Fale! Que faz seu marido?

MARCELLE - (já colocou ou está colocando sua touca de enfermeira e um avental branco) Eu sou viúva.

O REI - Em que é que você pensa quando faz a limpeza?

MARCELLE - Em nada Majestade.
(tudo o que vai ser dito pelo Rei, nesta cena, deve ser mais com ar ombotado, de estupefação do que de maneira patética.)

O REI - De onde é você? Quem é sua família?

CHARLOTTE - (ao Rei) Isto nunca interessou a você.

CLARISSE - Ele nunca teve tempo de perguntar.

O MEDICO - Ele está querendo ganhar tempo.

O REI - (à Marcelle) Conte-me sua vida. Como é que você vive?

MARCELLE - Mal.

O REI - Não se pode viver mal. Isto é uma contradição.

MARCELLE - A vida não é bela.

O REI - Mas é a vida.

(não é um verdadeiro diálogo, o Rei fala mais para si mesmo.)



- MARCELLE - No inverno, quando me levanto ainda á noite. Eu sinto frio.
- O REI - Eu também, mas não é o mesmo frio. Você não gosta de sentir frio?
- MARCELLE - No verão, quando eu me levanto mal acabou de amanhecer. A luz ainda está pálida.
- O REI - (com certo entusiasmo) A Luz está pálida! Há muitas espécies de luz: a azul, a rosada, a branca, a verde, a pálida!
- MARCELLE - Eu lavo toda a roupa da casa no tanque. Sinto dores / nas mãos, minha pele está toda rachada.
- O REI - (com deleite) Isso doi! Sentimos a pele. Ainda não / compraram uma máquina de lavar roupa para você? Charlotte, não há máquina de lavar roupa no palácio?
- CHARLOTTE - Tivemos que enpenhá-la em troca de um empréstimo para o Estado.
- MARCELL - Eu cavazio os pericos. Faço as camas.
- O REI - Ela faz as camas! É aí que nos deitamos, que adormecemos, que acordamos. Será que você percebeu que acordava todos os dias? Acordar todos os dias ... Vimos ao mundo todas as manhãs.
- MARCELLE ---Eu encero o asscalho. Limpo, varro, limpo. É um nunca acabar.
- O REI - (com deleite) É um nunca acabar!
- MARCELLE - Tenho dores nas costas.
- O REI - É verdade. Ela tem costas, nós temos costas.
- MARCELLE - Tenho dores nos rins.
- O REI - Os rins, também.
- MARCELLE - Depois que deixamos de ser jardineiro, sou eu que ca pino, semeio.



- O REI - E tudo nasceu!
- MARCELLE - Já não aguento mais de cansaço.
- O REI - Você devia ter nos dito.
- MARCELLE - Eu disse tantas vezes.
- O REI - É verdade, muitas coisas me escaparam. Não soube de tu do. Não estive em toda a parte. Minha vida podia ter sido plena.
- MARCELLE - Meu quarto não tem janela.
- O REI - (com o mesmo deleite) Sem janela! Então deve-se sair! Procurar a luz. Nós a encontramos, sorrimos para ela. Para sair, você dá a volta à chave da fechadura, abre a porta, torna a dar a volta à chave, fecha a porta. Onde é que você mora?
- MARCELLE - No celeiro.
- O REI - Para descer, você pega a escada, desce um degráu, mais outro, outro mais, ainda mais um, mais um degráu, ainda mais um degráu. Para se vestir, você calça as meias, os sapatos.
- MARCELLE - Sapatos furados!
- O REI - Um vestido. É extraordinário!
- MARCELLE - Um vestido ordinário.
- O REI - Você não sabe o que diz. Como é bonito um vestido ordinário!
- MARCELLE - Eu tive um abscesso na boca. Arrancaram-me um dente.
- O REI - Sofre-se muito. A dor se atenua, depois desaparece. Que alívio! Sentimo-nos tão felizes, depois!
- MARCELLE - Estou cansada, cansada, cansada.
- O REI - Depois a gente descansa. É tão bom!
- MARCELLE - Eu não tenho tempo para isso.
- O REI - Espera que um dia você vai ter ... Você anda, pega um cesto, vai fazer compras. Sauda o quitandeiro.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MARCELLE - Um gordão horrível. Tão feio que espanta os gatos e os passarinhos.

O REI - Como é maravilhoso! Você tira de sua carteirinha as moedas, paga, dão o troco. Na feira, há alimentos de todas as cores: alface verde, cerejas vermelhas, uvas douradas, berinjelas roxas ... tudo como um arco-íris! Extraordinário, incrível. Um conto de fadas.

MARCELLE - Depois eu volto ... pelo mesmo caminho.

O REI - Duas vezes o mesmo caminho! E o céu por cima de tudo. Você pode olhá-lo duas vezes por dia. Pode respirar. Você nunca pensou que respira. Pense nisso, lembre-se disso. Tenho certeza que nunca prestou atenção. É um milagre!

MARCELLE - E depois, e depois, eu lavo a louça da véspera. Pratos cheios de gordura que gruda. E depois, tenho ainda que cozinhar.

O REI - Que bom!

MARCELLE - Isso me aborrece.

O REI - Isso aborrece você! Há pessoas que não podemos compreender. É bom se aborrecer, é bom também não se aborrecer e de ficar com raiva e de deixar de ter raiva e de ficar descontente e de ficar contente e de se resignar e de reivindicar. Nós nos agitamos, nós falamos, falamos conosco; apertamos as mãos, somos abraçados. Uma maravilha tudo isto, uma festa sem fim.

MARCELLE - É mesmo, não pára nunca. Depois, também tenho de servir a mesa.

O REI - Você serve a mesa! Você serve a mesa! Que é que você / serve à mesa?

MARCELLE - O que preparei.



- O REI - O quê, por exemplo?
- MARCELLE - Não sei. O prato do dia, cozido!
- O REI - Cozido! Cozido!
- MARCELLE - É uma refeição completa.
- O REI - (sonhador) Eu gostava tanto de cozidos: com legumes, batatas, couve, cenouras que a gente põe manteiga por cima e amassa com o garfo para fazer purê.
- MARCELLE - Podíamos trazer-lhe um.
- O REI - Tragam.
- CHARLOTTE - Não.
- MARCELLE - Se isso lhe dá gosto ...
- O MEDICO - É máu para a saúde. Ele está de dieta.
- O REI - Quero cozido.
- O MEDICO - Não é recomendável para a saúde dos moribundos.
- CLARISSE - Talvez seja seu último desejo.
- CHARLOTTE - É preciso que ele se desapegue de tudo.
- O REI - (sonhador) O caldo ... as batatas quentinhas... as cenouras bem cozidas.
- MARCELLE - Ele ainda está fazendo jogo de palavras.
- O REI - (com um pouco de fadiga) Eu nunca havia reparado que as cenouras eram tão bonitas. (à Marcelle) Vá depressa matar as duas aranhas do quarto de dormir. Não quero que elas me sobrevivam. Não, não as mate. Talvez elas tenham qualquer coisa de mim ... morte, cozido ... desaparecido do universo. Nunca houve cozido.
- O GUARDA - (anunciando) Proíbe-se o cozido em toda a extensão do território nacional!
- CHARLOTTE - Finalmente! Já conseguiu renunciar a alguma coisa! É pelos desejos menos importantes que devemos começar. É preciso agir com muito jeito. Sim, podemos começar agora. Suavemente, como ao enrolar uma atadura numa chaga viva.

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CHARLOTTE - (aproximando-se do Rei) Ele está banhado de suor. Enxugue-o, Marcelle. (à Clarisse) Não, você não.

O MEDICO - (para Charlotte) É o terror que vai saindo pelos poros. (examina o doente. Clarisse se ajoelha, cobrindo seu rosto com as mãos). A temperatura baixou, no entanto, já não tem arrepios. Ainda não está habituado ao pavor, isso não, ainda não, mas pode olhá-lo lá dentro. É por isso que fecha os olhos. Ele os reabrirá. Seus traços ainda estão desfeitos, mas observe como as rugas e a velhice se instalaram em seu rosto. Ele já as deixa progredir. Ele ainda terá convulsões, não pense que a coisa vai assim rápido, mas não terá mais cólicas de pavor. Vai ter ainda muito medo, terror mesmo, não se pode esperar uma morte exemplar. Em todo caso, será mais ou menos razoável. Ele morrerá de sua morte e não de seu medo. Majestade, será preciso ajudá-lo, ajudá-lo muito, até o último instante, até ao derradeiro suspiro.

CHARLOTTE - Eu o ajudarei a expirar. A desfazer todos os nós.

O MEDICO - Não vai ser fácil.

CHARLOTTE - Como será que ele pegou tanta erva daninha?

O MEDICO - Pouco a pouco. Cresceu com os anos.

CHARLOTTE - Está ficando mais sensato, Rei. Não se sente mais tranquilo?



- CLARISSE - (levantando-se e dirigindo-se ao Rei) Enquanto ela não estiver aqui, você estará. Quando ela estiver, você já não estará aqui. Não a encontrará, não a verá mais.
- CHARLOTTE - Ah! As mentiras da vida, os velhos sofismas! Sabemos o que é isso. Ela sempre esteve aqui, presente. Desde o primeiro dia, desde o germo. Ela é o broto que cresce, a flor que desabrocha, o único fruto.
- CLARISSE - (à Charlotte) Isto também é uma das verdades primárias.
- CHARLOTTE - É a primeira das verdades e a última. Não é, doutor?
- O MEDICO - As duas coisas são verdadeiras. Dependendo do ponto de vista.
- CLARISSE - (ao Rei) Antigamente, você acreditava em mim.
- O REI - Estou morrendo.
- O MEDICO - Ele mudou de ponto de vista.
- CLARISSE - Se é preciso olhar dos dois lados, olhe do meu também.
- O REI - Estou morrendo. Já não penso mais. Eu morro.
- CLARISSE - Estou perdendo meu poder sobre ele.
- CHARLOTTE - (à Clarisse) Teu encanto já não age mais sobre ele.
- O GUARDA - (anunciando) O encanto da Rainha Clarisse já não age mais sobre o Rei.
- CLARISSE - (ao Rei) Você me amava. Você ainda me ama, eu continuo amando você.
- CHARLOTTE - Só pensa nela.
- MARCELLE - É natural.
- CLARISSE - Eu ainda te amo, eu continuo te amando.
- O REI - Não sei nada. Isso não me ajuda.
- O MEDICO - O amor é loucura.



CLARISSE - (ao Rei) O amor é loucura! Se você se deixa arrebatado, se ama insensatamente, se ama absolutamente, a morte se afastará. Se você me ama, se ama tudo, o mundo desaparecerá. O amor carrega você. Abandone-se e o mundo largará você. O universo está inteiro, tudo renasce, o vazio se preenche.

O REI - Estou cheio nas 'é de buracos. Estão me roendo. Os buracos se alargam tanto, que já não tem fim. Sinto vertigens quando me debruço sobre meus próprios buracos. Estou no fim.

CLARISSE - Não é o fim. Os outros amarão por você, os outros verão o céu por você.

O REI - Estou morrendo.

CLARISSE - Seja os outros. Haverá sempre ... isto, isto ...

O REI - Isto o quê?

CLARISSE - Tudo isto que existe. Isto não perece nunca.

O REI - Há ainda ... há ainda ... há ainda muito pouco.

CLARISSE - As novas gerações aumentam o universo.

O REI - Eu morro.

CLARISSE - Constelações são conquistadas.

O REI - Eu morro.

CLARISSE - Os temerários arrombam as portas do céu.

O REI - Que eles arrombem!

O MÉDICO - Estão fabricando o elixir da eternidade.

O REI - (ao Médico) Seu incapaz! Por que você não o inventou antes?

CLARISSE - Novos astros estão nascendo.



- O REI - Que ódio!
- CLARISSE - São estrelas novas. Estrelas virgens.
- O REI - ~~Eles se apagarão.~~ De resto, isto me é indiferente.
- O GUARDA - (anunciando) Nem as antigas, nem as novas constelações interessam mais à Sua Majestade, o Rei Bórenger!
- CLARISSE - Uma outra sabedoria substitui a antiga, uma loucura maior, uma ignorância maior, completamente diferente, completamente igual. Que isso o console, que isso o alegre.
- O REI - Tenho medo. Estou morrendo.
- CLARISSE - Você preparou tudo isto.
- O REI - Sem fazer de propósito.
- CLARISSE - Você foi uma etapa, um elemento, um precursor. Você faz parte de todas as construções. Você conta. Você será / contado.
- O REI - Não serei o contador. Eu morro.
- CLARISSE - Tudo o que foi, será. Tudo o que será, é. Tudo o que se rá, já foi. Você está inscrito, para sempre, nos registros universais.
- O REI - Quem consultará os arquivos? Eu morro, que tudo morra. Não, que tudo permaneça. Não, que tudo morra já que minha morte não pode preencher os mundos! Que tudo morra. Não, que tudo permaneça.
- O GUARDA - Sua Majestade o Rei, quer que tudo permaneça.
- O REI - Não, que tudo morra.
- O GUARDA - Sua Majestade o Rei, quer que tudo morra.
- O REI - Que tudo morra comigo. Não, que tudo permaneça depois de mim. Não, morra. Não, que tudo fique. Não, que tudo morra, que tudo fique, que tudo morra.



- CHARLOTTE - Ele não sabe o que quer.
- MARCELLE - Eu acho que ele já não sabe o que quer.
- O MEDICO - Seu cérebro está degenerando, é a senilidade.
- O GUARDA - (anunciando) Sua Majestade está ficando se...
- CHARLOTTE - (interrompendo-o) Cale-se, imbecil. Não dê mais boletins de saúde para a imprensa. Só fará rir os que ainda podem rir e ouvir.
- O GUARDA - (anunciando) Boletins de saúde suspensos por ordem de Sua Majestade, a rainha Charlotte.
- CHARISSE - (ao Rei) Meu Rei ...
- O REI - Quando eu tinha pesadelos e chorava dormindo, você me acordava, me beijava, me acalmava.
- CHARLOTTE - Isso agora ela já não pode fazer.
- O REI - Quando eu tinha insônia e saía do quarto, você também acordava. Vinha me procurar na sala do trono, de camisa la cor de rosa com flores, e me levava para a cama pela mão.
- MARCELLE - Eu também fazia assim com meu marido.
- O REI - Eu dividia com você meu resfriado.
- CHARLOTTE - Você não terá mais resfriados.
- O REI - Nós abríamos os olhos ao mesmo tempo, de manhã. Eu os fecharei sózinho ou um de cada vez. Nós pensávamos nas mesmas coisas ao mesmo tempo. Você terminava a frase / que eu havia começado. Eu chamava você para me fazer massagem nas costas quando tomava banho. Você escolhia minhas gravatas, nem sempre eu gostava muito da escolha. Tínhamos discussões a esse respeito. Ninguém soube disso, nem ninguém vai saber.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- CHARLOTTE - Que pequeno burguês! Na verdade, isso ninguém deverá saber.
- O REI - (para Clarisse) Você não gostava que eu ficasse despen-teado. Você me penteava.
- MARCELLE - Isso é enternecedor.
- CHARLOTTE - (ao Rei) Você nunca mais se despenteará.
- MARCELLE - O que não deixa de ser triste.
- O REI - Você escovava minha coroa, entregava as pérolas para fazê-las brilhar.
- CLARISSE - (ao Rei) Você me ama? Ele ama? Eu continuo sempre amando você. Ainda me ama? Ele ainda me ama. Você me ama, agora, neste momento? Eu estou aqui ... eu estou ... olhe, olhe ... olhe-me bem ... olhe um pouco para mim.
- O REI - Eu continuo me amando, apesar de tudo eu me amo, ainda me sinto. Eu me vejo. Eu me olho.
- CHARLOTTE - (para Clarisse) Basta! (ao Rei) Não olhe mais para / trás. É uma recordação, digo, recomendação. Ou então, despache-se. Daqui a pouco será uma ordem. (para Cla-
risse) Você só lhe poderá fazer mal. Eu já avisei.
- O MEDICO - (olhando o relógio) Ele está se atrasando ... Está vol-tando atrás.
- CHARLOTTE - Não é nada. Não se inquiete, senhor doutor, senhor car-rasco. Estes retrocessos, estas voltas e reviravoltas, tudo isto estava previsto no programa.
- O MEDICO - Com um bom ataque cardíaco, não teríamos tanta compli-cação.
- CHARLOTTE - Os ataques cardíacos são para as homens de negócios.



- O MEDICO - ...ou então, uma pneumonia dupla!
- CHARLOTTE - Isto é para os pobres, não para os reis.
- O REI - Eu poderia decidir não morrer.
- MARCELLE - Estão vendo? Ele não está curado.
- O REI - Se eu decidisse não querer, se eu decidisse não querer, se eu decidisse não me decidir!
- CHARLOTTE - Nós podemos decidir por você.
- O GUARDA - (anunciando) A Rainha e o doutor podem obrigar o Rei a se decidir.
- O MEDICO - É nosso dever.
- O REI - Quem pode lhes dar permissão de tocar no Rei, a não ser o próprio Rei?
- CHARLOTTE - A força, a força das coisas, o supremo Decreto, as senhas.
- O MEDICO - (à Charlotte) Nós agora é que somos o comando, as senhas.
- O GUARDA - (enquanto Marcelle cuida de ejetar o Rei em sua cadeira de rodas e o passeia pelo palco) Foi Sua Majestade, meu Comandante, que inventou a pólvora! Foi ele que roubou o fogo dos Deuses e depois ateou fogo à pólvora. Por um pouco, explodia tudo. Ele tudo reteve em suas mãos, tudo recompôs. Eu o ajudei e não foi fácil. Ele era exigente. Instalou as primeiras forjas na terra, inventou a fabricação de aço, trabalhava dezuito em cada vinte e quatro horas. A nós, / ele fazia trabalhar ainda mais. Ele era o engenheiro chefe. O senhor engenheiro fez o primeiro balão e depois, o balão dirigível. Por fim, construiu com suas próprias mãos o primeiro aeroplano. Nisto ele não foi bem sucedido, logo de começo.



O GUARDA - (continuando) Os primeiros pilotos de ensaio, Icaro e tantos outros, caíram no mar até o momento em que ele / mesmo se decidiu a pilotar. Eu era seu mecânico. Muito antes, quando ainda era o pequeno Delfim, inventou o carrinho de mão. Eu brincava com ele. Fez os planos da Torre Eiffel. Depois, inventou os trilhos, a estrada de ferro, o automóvel, sem falar das foices, dos arados, das máquinas de ceifar, dos tratores. (ao Rei) Não é, senhor Mecânico? Não se lembra?

O REI - Ah, sim ... os tratores. Já tinha esquecido.

O GUARDA - Ele extinguiu os vulcões e fez surgir outros. Construiu Roma, Nova Iorque, Moscovo, Genebra. Fundou Paris. Fez as revoluções, as contra-revoluções, a religião, a reforma, a contra-reforma.

MARCELLE - Quem olha para ele, não diz.

O GUARDA - Escreveu a Ilíada e a Odisseia.

O REI - O que é um automóvel?

MARCELLE - (sempre empurrando-o na cadeira) Uma coisa que anda sózinha.

O GUARDA - E, ao mesmo tempo, o senhor Historiador fez os melhores comentários sobre Homero e os tempos homéricos.

O MEDICO - Nesse assunto, realmente, ele era o mais qualificado.

O REI - Será que eu fiz tudo isso?

O GUARDA - Ele escreveu tragédias e comédias, sob o pseudônimo de Shakespeare.

MARCELLE - Então Shakespeare era ele?

O MEDICO - (ao Guarda) Você já devia ter dito isso antes! Há tanto tempo que quebramos a cabeça para descobrir quem era / Shakespeare.



- O GUARDA - Ele me proibiu de dizer. Era segredo. Inventou o telefone, o telégrafo e ele mesmo os instalou. Fazia tudo com suas próprias mãos.
- MARCELLE - Ele não sabia fazer mais nada com suas próprias mãos. Para o menor conserto, mandava chamar o bombeiro.
- O GUARDA - Meu comandante, o senhor era tão habilidoso!
- CHARLOTTE - Ele já não sabe se calçar e se descalçar.
- O GUARDA - Ainda não a muito tempo, ele inventou a fissão do átomo.
- MARCELLE - Ele já nem sabe mais acender ou apagar uma lâmpada.
- O GUARDA - Majestade, meu Comandante, Mestre, senhor Diretor ...
- CHARLOTTE - (ao Guarda) Nós conhecemos todos os seus méritos passados. Para aí o inventário. (o Guarda retoma seu lugar)
- O REI - (durante o tempo em que o passeiam) Que é um cavalo?... Aqui estão as janelas, ali as paredes, aqui o chão.
- MARCELLE - Ele reconhece as paredes.
- O REI - Eu fiz coisas. Que disseram que eu fiz? Já não sei o que fiz. Esqueço, esqueço. (enquanto o ajeitam) Ali está um trono.
- CLARISSE - Você se lembra de mim? Eu estou aqui, estou aqui.
- O REI - Eu estou aqui. Eu existo.
- MARCELLE - Ele já nem se lembra o que é um cavalo.
- O REI - Eu me lembro de um gatinho todo ruivo.
- CLARISSE - Ele se lembra de um gato.
- O REI - Eu tinha um gatinho todo ruivo. Chamavam-no o gato judeu. Achei-o num campo, roubado de sua mãe. Era um verdadeiro selvagem. Tinha só quinze dias, talvez um pouco mais, mas já sabia arranhlar e morder. Era feroz. Eu lhe dei de comer, eu o acariciei e o trouxe comigo. Tornou-se um gato mansinho. Uma vez, ele se escondeu



O REI

- (continuando) na manga do casaco de uma visita, Madame. Era o ser mais polido, de uma polidês natural, um verdadeiro príncipe. Vinha nos cumprimentar, com os olhos empapuçados, quando chegávamos no meio da noite. Depois, / tornava a se deitar, cambaleando. De manhã, ele vinha nos acordar para se deitar na nossa cama. Um dia, fechamos a porta. Ele tentou abri-la, empurrando-a com o traseiro, ficou zangado, fez muito barulho. Ficou amuado durante uma semana. Tinha muito medo do aspirador de pó, era um gato poltrão, um desarmado, um gato poeta. Nós lhe compramos um camundongo mecânico. Começou a cheirar-lhe com ar inquieto. Quando demos corda e o camundongo começou a andar, ele cuspiu, saiu correndo e escondeu-se debaixo do armário. Quando cresceu, as gatas rondavam a casa, fazendo-lhe a corte, chamando-o. Isso o espavorava e ele / nem se mexia. Quizemos que ele conhecesse o mundo. Nós o puzemos na calçada, perto da janela. Ficou mais apavorado do que nunca. Os pombos o cercavam, mas ele tinha medo dos pombos. Ele me chamou desesperado, gemendo, grudado à parede. Os outros gatos eram para ele criaturas estranhas de quem desconfiava ou inimigos que temia. Só se sentia bem na nossa companhia, nós éramos sua família. Não tinha medo dos homens. Pulava-lhes nos ombros, sem a visar, lambendo-lhes o cabelo. Pensava que nós éramos gatos e que os gatos eram outra coisa. Apesar disso, um belo dia, ele achou que devia sair. O enorme cão dos vizinhos matou-o. Ficou como um gato de brinquedo, um boneco estripado, com um olho vazado, sem uma pata. Parecia um boneco destruído por uma criança sádica.



CLARISSE - (à Charlotte) Você não devia ter deixado a porta aberta, eu bem que avisei.

CHARLOTTE - Eu detestava aquele bicho sentimental e medroso.

O REI - Como eu o lamentei! Era tão bom, tão bonito! E ele me amava, ele me amava. Meu pobre gato, meu único gato.

(isto deve ser dito com o mínimo de emoção possível; o Rei deve dizê-lo numa atitude de apatia, com uma espécie de enorpecimento, exceto talvez, a última fala, que exprime uma angústia.)

O MEDICO - Devo lembrar que ele está se atrasando.

CHARLOTTE - Estou prestando atenção. Ele está nos prazos regulamentares. Saiba também que isto estava previsto.

O REI - Eu sonhava com ele... sonhava que ele estava na lareira, deitado em cima de brasas e Clarisse se espantava / que ele não se queimasse; eu respondia - os gatos não se queimam, eles são feitos à prova de fogo - . Ele saiu da lareira miando, soltando uma fumaça espessa. Já não era ele, era outro! Que metamorfose! Era um outro gato feio, gordo, um gato enorme. Como sua mãe, a gata selvagem. Parecia-se com Charlotte. (Marcelle deixa o Rei, / por alguns instantes em sua cadeira de rodas no meio da cena, perto do proscênio, de frente para o público.)

MARCELLE - Que pena! Era um Rei tão bom! (roda a cadeira)

O MEDICO - Mas era uma pessoa difícil. Muito mau, rancoroso, cruel.

CHARLOTTE - vaidoso.

MARCELLE - Havia outros mais ruins.



- CLARISSE - Ele era afável, era terno.
- O GUARDA - A Gente gostava muito dele.
- O MEDICO - (ao Guarda e à Marcelle) Mas, vocês dois se queixavam de suas exigências.
- MARCELLE - A gente esquece isso.
- O MEDICO - Tive que interceder muitas vezes por vocês.
- CHARLOTTE - Ele só dava ouvidos à rainha Clarisse.
- O MEDICO - Era cruel, severo e nem por isso era justo.
- MARCELLE - A gente via ele tão pouco. Apesar de tudo, a gente via ele muitas vezes.
- O GUARDA - Ele era forte. Mandava cortar cabeças, é verdade.
- MARCELLE - Nem tantas assim.
- O GUARDA - Era para a salvação pública.
- O MEDICO - Resultado: estamos cercados de inimigos.
- CHARLOTTE - Entendem agora porque tudo desmorona? Não temos mais / fronteiras, um fosso cada vez maior nos separa dos países vizinhos.
- MARCELLE - Assim é melhor. Não podem nos invadir.
- CHARLOTTE - O abismo cresce. Há o fosso por baixo e o fosso por cima.
- O GUARDA - Nós nos mantemos à superfície.
- CHARLOTTE - Por muito pouco tempo.
- CLARISSE - É melhor perecer com ele.
- CHARLOTTE - Não somos mais que uma superfície, não seremos mais que o abismo.
- O MEDICO - É só culpa dele. Nada quiz deixar depois de si. Não pensei em deixar sucessores. Depois dele, o dilúvio. Pior que o dilúvio, depois dele, nada. Um ingrato, um egoísta.
- MARCELLE - Ele era o Rei de um grande reino.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- CLARISSE - Ele era o centro, o próprio coração do reino.
- MARCELLE - A própria residência.
- O GUARDA - O reino se estendia ao redor até bem longe, bem longe, bem longe. Nem se enxergavam os limites.
- MARCELLE - Ilimitado no espaço.
- CHARLOTTE - Mas limitado na duração. Infinito e efêmero, ao mesmo tempo.
- O GUARDA - Ele era a primeira pessoa, era o pai, o filho do reino. Foi coroado Rei, no mesmo instante em que nasceu.
- CLARISSE - Cresceram juntos, seu reino e ele.
- CHARLOTTE - E estão desaparecendo juntos.
- MARCELLE - Ele era o Rei, mestre de todos os universos.
- O MEDICO - Um mestre contestável. Não conhecia seu reino.
- CHARLOTTE - Conhecia-o muito mal.
- CLARISSE - Era demasiado extenso.
- MARCELLE - A terra desmorona junto com ele. Os astros eclipsam-se. A água desaparece, o fogo, o ar, um universo, os universos. Em que guarda-móveis, em que subterrâneos, em que dispensa, em que sótãos poderemos encaixar tudo isso? / Vai ser preciso espaço.
- O MEDICO - Quando os reis morrem, eles se agarram às paredes, às árvores, às fontes, à lua; eles se agarram ...
- CHARLOTTE - E tudo se desprende.
- O MEDICO - E se derrete, se evapora. Nem sobra uma gota, um grão de pó, uma sombra.
- MARCELLE - Ele leva tudo isso para seu abismo.
- CLARISSE - Ele organizou bem o seu universo. Não era completamente senhor dele, mas viria a ser. Vai morrer muito cedo. Foi ele quem dividiu o ano em quatro estações. Era muito bem organizado. Ele imaginou as árvores, as flores,



- CLARISSE - (continuando) os perfumes, as cores.
- O GUARDA - Em mundo é altura do Rei.
- CLARISSE - Inventou os oceanos e as montanhas. O Monte Branco, com quase cinco mil metros.
- O GUARDA - Mais de oito mil o Himalaia.
- CLARISSE - As folhas caíam das árvores, tornavam a nascer.
- MARCELLE - Era engenhoso isso.
- CLARISSE - Logo no primeiro dia de seu nascimento, ele criou o sol.
- MARCELLE - Mas não foi suficiente. Precisou criar também o fogo.
- CHARLOTTE - Depois, vieram os espaços ilimitados, vieram as estrelas, veio o céu, vieram os oceanos e as montanhas, as planícies, as cidades, as pessoas, rostos, edifícios, quartos, leitos, luz, noite; as guerras e paz.
- O GUARDA - Depois o trono.
- CLARISSE - E sua mão.
- CHARLOTTE - Um olhar ... a respiração ...
- MARCELLE - Ele continua respirando.
- CLARISSE - Ainda respira, porque eu estou aqui.
- CHARLOTTE - (ao Médico) Ele ainda respira?
- MARCELLE - Sim, Majestade. Ainda respira porque nós estamos aqui.
- O MEDICO - (examinando o doente) Claro, é evidente. Ele ainda respira. Os rins deixaram de funcionar, mas o sangue circula. O coração é forte.
- CHARLOTTE - Precisa acabar logo. De que serve um coração que bata sem motivo?
- O MEDICO - É verdade. Um coração louco. Estão ouvindo? (ouvem-se batidas aflitas de coração). Dispara, corre, vai afrouxando; depois, torna a bater com toda a força.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- (as batidas de coração estremecem a casa. A rachadura / aumenta na parede, aparecem outras. Um ângulo pode desmoronar ou cair.)

MARCELLE - Meu Deus, vai desabar tudo!

CHARLOTTE - Um coração louco, um coração louco!

O GUARDA - (à Marcelle) Vai se acalmar.

O MEDICO - Nós conhecemos todas as fases. É sempre assim quando um universo se acaba.

CHARLOTTE - (à Clarisse) É uma porva concreta de que seu universo / não é o único.

MARCELLE - Ele nem suspeitava disso.

CLARISSE - Ele me esquece. Neste momento, está me esquecendo. Eu sinto que ele me abandona. Já não serei mais nada se / ele me esquece, não poderei viver se não continuar em seu coração aflito ... Aguarde, aguente, aperte as mãos com toda a força. Não me abandone.

MARCELLE - Ele já não tem forças.

CLARISSE - Agarre-se bem, não me largue. Sou eu quem o faz viver, eu faço você viver, você me faz viver. Compreende? Compreende? Se você me esquece, se me abandona, não poderei existir, não serei mais nada.

O MEDICO - Ele será uma página num livro de dez mil páginas, colocado em uma biblioteca que terá um milhão de livros, / uma biblioteca entre um milhão de bibliotecas.

MARCELLE - Para reencontrar essa página, não vai ser fácil.

O MEDICO - Vai sim. Pode ser encontrada no catálogo, por ordem alfabética e por ordem de assunto ... até o dia em que o papel se transformar em pó ... ou nem isso, porque, talvez, se queime antes. Há sempre incêndios nas bibliotecas.



- MARCELLE - Ele está apertando as mãos. Volta a se agarrar, resiste. Está voltando a si.
- CLARISSE - Volta a mim.
- MARCELLE - (à Clarisse) Sua voz o desperta, está com os olhos abertos, está olhando para a senhora.
- O MEDICO - Sim, seu coração ainda está aguentando.
- CHARLOTTE - Mas em que estado para um agonizante. Em uma cerca de espinhos. Ele está numa cerca de espinhos. Como tirá-lo / de lá? (ao Rei) Você se afundou na lama, está preso / nos espinheiros.
- MARCELLE - Quando ele conseguir se soltar, os sapatos ficarão.
- CLARISSE - Segure-me bem, que eu segure você. Olhe para mim, que eu olho para você. (o Rei olha para ela)
- CHARLOTTE - Ela está perturbando você. Não pense mais nela, você se sentirá melhor.
- O MEDICO - Renúncie, Majestade. Abdique, Majestade.
- MARCELLE - Abdique, já que é preciso. (marcelle o empurra em sua cadeira e coloca-o em frente à Clarisse)
- O REI - Eu ouço, eu vejo, quem é você? Minha mãe, minha irmã, minha mulher, minha filha, minha sobrinha, minha prima? ... Eu conheço você ... eu conheço de verdade ... (volta-se para Charlotte) Mulher odiosa! Feiura! Por que continua junto de mim? Por que se debruça para mim? Vá embora, vá embora.
- CLARISSE - Não olhe para ela. Volte seu olhar para mim, mantenha os olhos bem abertos. Confia, estou aqui. Lembre-se, eu sou Clarisse.
- O REI - (à Clarisse) Clarisse?!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- CLARISSE - Se já não se lembra, olhe para mim. Aprenda de novo que eu sou Clarisse, conheça meus olhos, conheça meu rosto, conheça meus cabelos, conheça meus braços.
- CHARLOTTE - Você o faz sofrer. Ele não pode conhecer mais nada.
- CLARISSE - (ao Rei) Se eu já posso reter você, volte-se para mim, apesar disso. Eu estou aqui, retenha a minha fisionomia leve-a com você.
- CHARLOTTE - Não pode arrastá-la com ele, já não tem forças suficientes, isso é muito pesado para uma sombra. E sua sombra não pode ser machucada pelas sombras, ele desabaria sob o peso. Sua sombra iria sangrar e ele não poderia mais avançar. É preciso que ela esteja livre. (ao Rei) Livre-se de tudo.
- O MEDICO - Deve começar a soltar as amarras. Livre-se de tudo, Majestade. (o Rei se levanta, mas tem outro modo de andar como um sonâmbulo, que irá se acentuando mais e mais.)
- O REI - Clarisse?
- CHARLOTTE - (à Clarisse) Está vendo? Ele já não entende o seu nome.
- MARCELLE - (à Clarisse) Ele já não compreende o seu nome.
- O GUARDA - (anunciando) O Rei não compreende mais o nome de Clarisse!
- O REI - Clarisse! (ao pronunciar este nome, o Rei pode estender os braços, depois deixa-os cair.)
- CLARISSE - Ele o pronunciou!
- O MEDICO - Repete sem compreender.



- MARCELLE - Como um papagaio. São palavras mortas.
- O REI - (à Charlotte) Eu não a conheço, eu não a amo.
- MARCELLE - Ele sabe o que quer dizer não conhecer.
- CHARLOTTE - (à Clarisse) É com a minha imagem que ele partirá. Ela não o atrapalhará. Ela só o deixará quando for preciso. Há um dispositivo que faz com que ela se afaste por si mesma. É um controle remoto, basta apertar o botão. (ao Rei) Vê melhor? (o Rei volta-se para o público.)
- CLARISSE - Ele não está vendo você.
- CHARLOTTE - Ele já não vê você. (Clarisse desaparece bruscamente, / num artifício cênico.)
- O REI - Há ainda ... há ...
- CHARLOTTE - Não vê mais o que há.
- MARCELLE - Ele não vê mais.
- O MEDICO - (examinando o Rei) De fato, não vê mais. (ele passa o / mão diante dos olhos do Rei, ou uma vela acesa ou um / fósforo. Seu olhar não reage.)
- O GUARDA - Sua Majestade está oficialmente cego!
- CHARLOTTE - Ele enxergará dentro de si mesmo. Verá melhor.
- O REI - Eu vejo as coisas, vejo as caras e as cidades e as fle / restas. Vejo o espaço, vejo o tempo.
- CHARLOTTE - Vê mais longe ainda!
- O REI - Mais longe, não posso.
- MARCELLE - O horizonte o cerca e o prende.



- CHARLOTTE - Lance seu olhar para além do que está vendo. Por trás /
do caminho, através da montanha, além da floresta que
você nunca desbravou.
- O REI - O oceano! Não posso ir além porque não sei nadar.
- O MEDICO - Falta de exercícios!
- CHARLOTTE - Isto é só a superfície, aprofunde-se mais.
- O REI - Tenho um espelho em minhas entranhas. Tudo se reflete,
vejo cada vez melhor, vejo o mundo, vejo a vida que se
vai.
- CHARLOTTE - Vá além desses reflexos.
- O REI - Eu me vejo. Atrás de todas as coisas, estou eu. Não há
senão eu em toda a parte. Sou a terra, sou o céu, sou
o vento, sou o fogo. Estou em todos os espelhos ou sou
eu o espelho de tudo?
- MARCELLE - Ele se ama demais.
- O MEDICO - Doença psíquica bem conhecida: narcisismo.
- CHARLOTTE - Venha, aproxime-se.
- O REI - Não há caminho.
- MARCELLE - Ele ouve. Vira a cabeça quando se fala, apura o ouvido
estende o braço.
- O GUARDA - Que é que ele quer alcançar?
- MARCELLE - Procura um apoio. (o Rei avança às cegas com passos /
incertos.)
- O REI - Onde estão as paredes? Onde estão os braços? Onde es-
tão as portas? Onde estão as janelas?
- MARCELLE - As paredes estão ali, Majestade. Nós estamos todos a-
qui. Olhe aqui um braço.
(Marcelle conduz o Rei para a direita e o faz tocar a
parade).



- CHARLOTTE - (continuando) Agora tudo irá melhor. (o Rei caminha com mais facilidade) Você ainda tem um quarto de hora.
- O REI - Eu precisava dos serviços deles.
- CHARLOTTE - Conte comigo. Sou uma rainha para todo serviço.
- O REI - Não dei licença a ninguém. Faça-os voltar, chame-os.
- CHARLOTTE - Eles se soltaram e isso foi porque você quis.
- O REI - Eu não quis.
- CHARLOTTE - Eles não pederiam ir embora se você não quizesse. Você não pode voltar atrás em sua vontade. Você se abandonou.
- O REI - Que eles voltem!
- CHARLOTTE - Você já nem sabe o nome deles. Como se chamavam? (silêncio do Rei) Quantos eram?
- O REI - Quem? ... Não goste que me tranquem aqui. Abra as portas.
- CHARLOTTE - Um pouco de paciência. Daqui a pouco, as portas estarão todas escancaradas.
- O REI - (após um silêncio) As portas ... as portas ... Que portas?
- CHARLOTTE - Terá havido portas, terá havido mundo? Terá você vivido?
- O REI - Eu vivo.
- CHARLOTTE - Pare de se mexer. Isso cansa. (o Rei abedece)
- O REI - Eu sou ... ruídos, ecos emergem das profundezas, se afastam, tudo se acalma. Estou surdo.
- CHARLOTTE - A mim você ouvirá, me ouvirá melhor. (o Rei permanece de pé, imóvel e calado) Acontece que, as vezes, sonhamos. Acontece, também, se deixar levar pelo sonho, acreditar nele, amá-lo. De manhã, abrindo os olhos dois mundos estão, ainda, entremeados. Os rostos da vigília se esfumam na claridade. Gostaríamos de lembrá-los, de

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010



CHARLOTTE - (continuando) ... retê-los e eles escapam por entre nos-
sos dedos, a realidade brutal de dia os rejeita. Com que
foi que eu sonhei, nós nos perguntamos. Que se passou? /
Quem foi que eu beijei? Quem eu amei? Que foi que eu dig-
se e que me disseram? Ficamos com uma vaga saudade de to-
das as coisas que aconteceram ou que parecem ter aconte-
cido. Não se tem mais noção do que teria havido ao nosse-
redor. Não se sabe mais nada.

O REI - Eu já não sei o que havia ao redor de mim. Só sei que es-
tava mergulhado num mundo e que o mundo me cercava. Sei
que era eu, mas o que é que havia, que é que havia?

CHARLOTTE - Algumas amarras ainda prendem você, que eu ainda não cog-
tei. Há mãos que se agarram a você e que o retêm. (andam
de em torno do Rei, Charlotte faz movimentos como tesou-
ras cortando o ar.)

O REI - Eu. Eu. Eu.

CHARLOTTE - Esse eu não é você. São objetos estranhos, aderências. /
São monstruosos parasitas. O visgo cercando no ramo, não
é o ramo. A hera que sobe pelo muro, não é o muro. Você
verga sob o fardo, suas costas estão encurvadas, é isso
que envelhece você. Estas grilhetas que você está arras-
tando é que entravam seus passos. (Charlotte agacha-se e
e tira as grilhetas invisíveis do Rei, depois se levanta
tendo dado a impressão de quem faz um grande esforço pa-
ra levantar as grilhetas.)



CHARLOTTE - (continuando) Toneladas, toneladas, isto pesa toneladas. (mímica de atirar as grilhetas na direção da plateia, depois recompõem-se aliviada.) Uf! Como foi que você pode carregar isto a vida inteira! (o Rei tenta / endireitar-se.) Eu perguntava a mim mesma porque é que você andava curvado. Era por causa deste fardo. (mímica de tirar um saco das costas do Rei e de atirá-lo fora.) E deste alforje! (mímica com o alforje.) E destes sapatoões de reserva.

O REI - (num resmungo) Não.

CHARLOTTE - Calma! Você não vai precisar mais destes sapatos sobressalentes, nem deste fuzil, nem desta metralhadora. (mímica de atirar fora) Nem desta caixa de ferramenta. (idem, protestos do Rei) Nem deste sabre. Parece gostar dele, um velho sabre todo enferrujado. (ela o tira se bem que o Rei se oponha desageitadamente.) Deixa eu continuar, fique quietinho! (ela dá um tapa nas mãos / do Rei.) Você não precisa mais se defender. Agora só lhe queremos bem. Estes espinhos no seu manto e estas escamas, estas lianas, estas algas, estas folhas úmidas e viscosas. Elas grudam, grudam e eu as desgrudo, eu as arranco, elas deixam manchas, não é um trabalho limpo. (mímica de arrancar e desgrudar.) O sonhador retira-se de seu sonho. Pronto, já livreii você dessas pequenas misérias, destas pequenas sujeiras. Seu manto / está mais bonito agora, você está mais limpo. Assim fica melhor. Agora, ande. Dê-me a mão, dê-me a mão, não tenha medo, deixe-se deslizar que eu amparo você. Tenha coragem!



O REI - (num balbucio) Eu ...

CHARLOTTE - Não! Ele pensa que é tudo, acredita que seu ser é a totalidade do ser. É preciso tirar isto de sua cabeça. (encorajando-o) Tudo será guardado numa memória sem / recordações. O grão de sal que se desmancha na água não desaparece, pois torna a água salgada. Ah! Af está! Você se endireita, já não está curvado, já não sente dores nos rins, nem pontadas. Era muito pesado, não era? Curado, você está curado! Pode avançar. Avance, vamos, dê-me a mão. (as costas do Rei voltam a ficar um pouco curvadas.) Pare de curvar as costas, já está sem o fardo ... Ah, estes reflexos condicionados, são tenazes... Não há mais fardo nas suas costas, estou dizendo! Endireite-se. (ela o ajuda) A mão! ... (indecisão do Rei.) Como é desobediente! Não fique com o punho cerrado, abra os dedos. Que é que está segurando? (abre os dedos do Rei) É todo o seu reino que ele tem dentro da mão. Em ponto pequeno, microfimes ... graças. (ao Rei) Estes grãos não tornarão a nascer, a semente está estragada, é uma semente ruim. Deixa cair, abra a mão. Eu ordeno que você descole os dedos, solte as planícies, largue as montanhas! Assim. Não era mais do que pó. (segura-lhe a mão e a mantém aberta, apesar da resistência dele.) Venha! Ainda resiste! Onde é que ele encontra forças? Não, não tente se deitar, nem se sentar não há nenhuma razão para cambalear. Eu guio você, não tenha medo. (ela o guia, levando-o pela mão.) Você pode ... Então não é fácil? Eu preparei um declive suave para você. Mais tarde será ainda mais abrupto, mas não importa. Você já terá recuperado suas forças. Não vire a cabeça para olhar o que você jamais tornará a



- CHARLOTTE - ... ver, concentre-se, entre em seu coração. Entre, /
entre, é preciso!
- O REI - (com os olhos fechados e avançando sempre pela mão de
Charlotte.) O império ... Terá havido outro igual?
Dois sóis, duas luas, duas abóbodas celestes e ilumi-
nam. Um outro sol se levanta e um outro ainda. Um ter-
ceiro firmamento surge, brota, se expende! Enquanto
um sol se deita, outros se levantam ... A aurora e o
crepúsculo ao mesmo tempo ... É um domínio que se es-
tende para além dos reservatórios dos oceanos, para
além dos oceanos que trazem os oceanos.
- CHARLOTTE - Atravesse-os.
- O REI - Para além dos setecentos e setenta e sete polos.
- CHARLOTTE - Mais longe, mais longe! Depressa, anda, depressa.
- O REI - Azul, azul!
- CHARLOTTE - Ainda tem a percepção das cores! Lembranças colori-
das. Não é uma natureza auditiva, sua imaginação é pu-
ramente visual ... É um pintor ... Grande partidário
da monocromia! (ao Rei) Renuncie também a este impé-
rio. Renuncie também às cores. Isso desencaminha, a-
traza você. Não pode demorar mais, não pode parar mais
não deve. (ela se afasta do Rei) Ande sozinho, não
tenha medo. Vá! (Charlotte, a um cento do palco, di-
rige o Rei de longe.) Já não é dia nem noite. Já não
há dia, já não há noite. Deixe-se dirigir por essa ro-
da que está na sua frente. Não a perca de vista, siga-
-a, mas não muito de perto. Ela está em braças, pode
queimar você. Avance, eu vou afastando o mato, cuida-
do, não se choque com esta sombra à sua direita ...